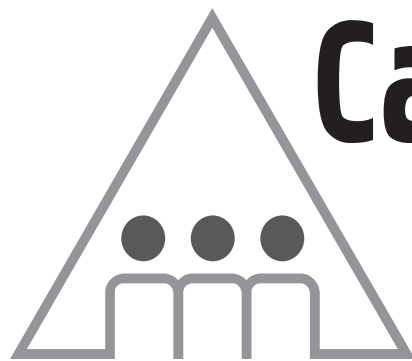


GOVERNO DO ESTADO DE SANTA CATARINA



Capacitação em **DEFESA CIVIL**

SISTEMA DE COMANDO EM OPERAÇÕES - SCO

GOVERNO DO ESTADO DE SANTA CATARINA

Governador Luiz Henrique da Silveira

SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA E DEFESA DO CIDADÃO

Secretário de Estado Dep. João Henrique Blasi

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE DEFESA CIVIL

Diretor Estadual Maj BMSC José Mauro da Costa

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Reitor Prof. Rodolfo Joaquim Pinto da Luz

CENTRO TECNOLÓGICO

Diretor do Centro Tecnológico Prof. Ariovaldo Bolzan

DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA CIVIL

Chefe do Departamento Prof. Antonio Edésio Jungles

FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Diretor Executivo Prof. Carlos Fernando Miguez

CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISA SOBRE DESASTRES

Supervisão UFSC Prof. Amir Mattar Valente

Representante Estadual Capitão PMSC Márcio Luiz Alves

Representante Nacional Dr. Antônio Luiz Coimbra de Castro

AUTORES DO CONTEÚDO ESPECÍFICO

Cap PMSC Carlos Alberto de Araújo Gomes Júnior

Cap PMSC Márcio Luiz Alves

METODOLOGIA EM EAD

Educação à Distância/UFSC

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA/UFSC

Diretor Executivo Prof. Amir Mattar Valente
Gerente Educacional Nara Maria Pimentel
Gerente Financeiro Rildo F. Andrade
Supervisão de Curso Maria Suely de Sousa Barros

Grupo de Apoio Pedagógico

Daniela Erani Monteiro Will
Roseli Zen Cerny

Supervisão de Produção

Isabella Maria Benfica Barbosa

Sistema de Acompanhamento ao Estudante à Distância

Daniela Friedrich da Rosa
Déborah Timm de Carvalho Pinto

PROJETO GRÁFICO

Curso de Comunicação e Expressão Visual/EGR/CCE/UFSC

Luiz Fernando de Figueiredo
Simone Luiza Rossetto
Françoá Aparecida Techio

EDIÇÃO GRÁFICA

Lagoa Editora Ltda.

REVISÃO GRAMATICAL

José Renato de Faria

Convicto de que a formação de profissionais e a capacitação de cidadãos comuns com conhecimentos no gerenciamento de emergências, situações de risco e desastres otimizarão, em muito, a Defesa Civil catarinense, o Governo do Estado, por intermédio desta Secretaria, firmou parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e o Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres (CEPED) para promoção de curso específico.

Intitulado **Capacitação em Defesa Civil: Sistema de Comando em Operações – SCO**, o Curso é realizado na modalidade de educação à distância, integrando um projeto mais amplo, denominado “Preparação para Desastres: implantação do sistema padronizado de gerenciamento de desastres no Estado de Santa Catarina”. O referido Projeto desdobra-se em quatro etapas, tendo por escopo capacitar, treinar e orientar aqueles que atuam no atendimento a emergências, desastres e situações de risco, de maneira que promova a integração dos mesmos no Sistema de Comando em Operações da Defesa Civil catarinense.

A clientela preferencial do Curso é constituída por integrantes de instituições públicas e privadas que atuam diretamente em adversidades afetas à Defesa Civil no âmbito estadual, com extensão também às demais Unidade Federadas que compõem o CODESUL (Conselho de Desenvolvimento da Região Sul – PR/RS/MS).

Estamos certos de que esta iniciativa de vanguarda em muito contribuirá para o aprimoramento das relevantes ações da Defesa Civil.

A você, aluno, razão de ser do nosso Curso, bom estudo e sucesso!

Deputado *JOÃO HENRIQUE BLASI*
Secretário de Estado da Segurança Pública e Defesa do Cidadão

MINI CURRÍCULO

Cap. PMSC Carlos Alberto de Araújo Gomes Júnior

Gerente de Defesa do Departamento Estadual de Defesa Civil de Santa Catarina.

Mestrando em Engenharia Civil na Universidade Federal de Santa Catarina.

Dentre as diversas formações realizadas na área de preparação e resposta à emergências, destacam-se o Estágio em Incident Command System no U.S. Forestry Department, EUA; o Estágio de Preparação para Emergências no North Anna Nuclear Power Plant, EUA; Curso Mass Casualty Incident Management no Virginia Health Department, EUA e o Curso Internacional de Operador de Resgate Academia Nacional de Bombeiros, Chile.

Cap. PMSC Márcio Luiz Alves

Gerente de Prevenção do Departamento Estadual de Defesa Civil de Santa Catarina.

Mestrando em Engenharia Civil na Universidade Federal de Santa Catarina.

Dentre as diversas formações realizadas na área de preparação e resposta à emergências, destacam-se o Estágio de Gerenciamento de Desastres no Virginia Emergency Operations Center, EUA; o Estágio em Incident Command System no U.S. Forestry Department, EUA; o Curso de Instrutor de Primeira Resposta a Acidentes com Produtos Perigosos no OFDA – USAID, Venezuela e o Curso Mass Casualty Incident Management no Virginia Health Department, EUA.

AGRADECIMENTOS

À Companheiros das Américas, organização não-governamental de intercâmbio entre os estados irmãos de Santa Catarina/Brasil e Virginia/Estados Unidos, que possibilitou a visita de técnicos brasileiros aos Estados Unidos da América a fim de participar de treinamentos em diversos órgãos da estrutura de resposta a emergência.

Em especial ao Professor Water Green III, Diretor do Programa de Graduação em Gestão de Serviços de Emergência do Departamento *School of Continuing Studies* da *University of Richmond*, mestre nos estudos desenvolvidos nos EUA sobre o funcionamento do *Incident Command System* e suas aplicações.

SUMÁRIO

Apresentação.....	9
Como será este curso?.....	9
O que eu farei nesse Curso?.....	10
O que você vai encontrar nesse livro?.....	20

UNIDADE 1 – Introdução

Desastres.....	25
A Defesa Civil.....	28
Desastres, emergências e situações críticas.....	30
Sistema predefinido de coordenação em situações críticas.....	33
Resumo.....	37
Atividades de auto-avaliação.....	38

UNIDADE 2 – O Sistema de Comando em Operações (SCO)

O conceito de SCO.....	41
Origem do SCO.....	41
Quando o SCO pode ser utilizado.....	42
A estrutura básica do SCO.....	43
O organograma do SCO.....	45
Princípios do SCO.....	46
Resumo.....	51
Atividade de auto-avaliação.....	52

UNIDADE 3 – As Atribuições do Comando, do *Staff* do Comando e do *Staff* Principal

Comando.....	57
<i>Staff</i> da função Comando.....	59
<i>Staff</i> Principal.....	63
Resumo.....	71
Atividade de auto-avaliação.....	72

UNIDADE 4 – Áreas de Operações e Instalações em um SCO

Instalações em operações de situações críticas.....	77
Áreas de trabalho em situações críticas.....	85
Resumo.....	89
Atividade de auto-avaliação.....	90

UNIDADE 5 – Colocando o SCO em Prática

Fator tempo.....	94
Etapas da coordenação de situações críticas.....	94
Colocando o SCO em prática de situações críticas de grande porte.....	100
Recomendações para “boas práticas”.....	104
Resumo.....	105
Atividade de auto-avaliação.....	106

Bibliografia.....	107
Gabarito das atividades de Auto-avaliação.....	109
Atividade de aprendizagem.....	111
Formulário para preenchimento da Atividade de Aprendizagem.....	123
Questionário de avaliação do curso.....	131

APRESENTAÇÃO

Este livro integra o kit didático do Curso. Aqui, você tem uma visão geral sobre como está organizada esta capacitação e sobre os recursos que colocamos à sua disposição.

Você encontra também neste livro os conteúdos que servirão de base para a sua atuação e integração junto ao Sistema de Comando em Operações da Defesa Civil catarinense em situações críticas.

Poderá consultar ainda, a qualquer momento da realização do Curso, orientações para estudar à distância e realizar sua atividade de aprendizagem, aproveitando, assim, toda a estrutura pedagógica e didática, planejada e construída para que você tenha um aprendizado significativo.

COMO SERÁ ESTE CURSO?

O Curso será realizado na modalidade de educação à distância (EaD), por meio do uso de diferentes recursos. Nessa modalidade, é o próprio aluno que organiza seu tempo de estudo e a elaboração das atividades previstas.

Para que o estudo à distância se torne possível, é necessário disponibilizar alguns recursos didáticos, assim como recursos humanos para o acompanhamento sistemático dos estudantes.

Para realizar este Curso, você recebeu um kit didático formado por este livro, uma videoaula (fita VHS) e um cartaz. Além do kit estão à sua disposição outros recursos, também muito importantes para o desenvolvimento de seus estudos e para a construção do seu conhecimento. São eles:

- ▲ duas sessões de Teleconferência (2 horas cada uma);
- ▲ um site na Internet;
- ▲ Sistema de Acompanhamento ao Estudante à Distância (SAED).

Leia mais sobre cada um desses recursos nas próximas páginas.

Carga Horária: 40 horas/aula.

Período de realização: 11 de março a 30 de abril de 2004.

Certificação: Os concluintes receberão um certificado registrado pela FAPEU/UFSC e um brevê de identificação. Para a conclusão do curso, os alunos deverão enviar ao SAED a atividade de aprendizagem proposta.

Em resumo, para um bom aproveitamento do Curso, é necessário que você fique atento para:

- ▲ utilizar regularmente os materiais didáticos disponíveis;
- ▲ consultar o SAED quando surgirem dúvidas e/ou sugestões;
- ▲ assistir às teleconferências;
- ▲ participar dos *chats* e fóruns de discussão;
- ▲ assistir à videoaula;
- ▲ fazer as atividades de auto-avaliação;
- ▲ elaborar a atividade de aprendizagem e encaminhá-la ao SAED para avaliação.

O QUE EU FAREI NESTE CURSO?

Recebendo o material

Você recebeu um kit didático contendo o seguinte material:

- ▲ um livro;
- ▲ uma videoaula;
- ▲ um cartaz com o Sistema de Comando em Operações (SCO).

Verifique na etiqueta da embalagem do kit se os seus dados pessoais, como nome completo e endereço, estão corretos. Esses detalhes são importantes para que você receba as correspondências sem problemas.

Se os dados da etiqueta não estiverem corretos, entre em contato com a monitoria do SAED.

Organizando o estudo

- ▲ Leia atentamente as primeiras páginas do livro para tirar melhor proveito das informações e conhecer o cronograma do Curso.
- ▲ Trace um plano de estudos para a realização do Curso: destine um tempo para estudar as unidades do livro, assistir às teleconferências e à videoaula, participar dos *chats* e fóruns de discussão, elaborar a atividade de aprendizagem e de auto-avaliação. Quando necessário, entre em contato com seu tutor.
- ▲ Organize seus horários de estudo observando o cronograma das atividades do Curso.
- ▲ Lembre-se: os prazos devem ser respeitados.

Estudando com o livro

- ▲ Procure utilizar o livro de maneira integrada com os demais recursos do Curso.
- ▲ Anote as dúvidas que surgirem durante a leitura e esclareça-as com os tutores.
- ▲ Os textos selecionados são instrumentos pedagógicos importantes no seu processo de aprendizagem.
- ▲ Leia atentamente cada unidade para entender todo o assunto.
- ▲ Preste atenção nos quadros, ícones e ilustrações, pois eles contêm mensagens importantes.
- ▲ À medida que for lendo, faça pausas para compreender a essência do que foi lido.
- ▲ Tenha o hábito de fazer esquemas e anotações ao longo dos textos.

GOVERNO DO ESTADO DE SANTA CATARINA

Capacitação em
DEFESA CIVIL
MANUAL DE COMANDO EM OPERAÇÕES PRECISAS

Capacitação a Distância

Consultando o site do Curso

Para acessar o site do Curso, basta digitar o seguinte endereço:

<http://www.ead.ufsc.br/sco>

Sugerimos que você o acesse regularmente, pois disponibilizamos as datas das atividades (teleconferências, *chats*, etc.) e demais informações atualizadas sobre o andamento do Curso. Além disso, o espaço de “dúvidas frequentes” também será atualizado constantemente pelos tutores, constituindo-se em excelente ferramenta para consulta das dúvidas coletivas e fonte de informações.

O site foi planejado para permitir o acesso às informações atualizadas sobre o andamento das atividades e às ferramentas de interação com tutores e demais alunos do Curso.



Participando dos *chats*

Os *chats* são espaços para discussão – em tempo real via Internet – de um tema específico referente ao conteúdo do Curso, bem como para troca de experiências entre os cursistas.

Serão realizados dois *chats* temáticos durante a formação, que contarão com a presença dos autores do conteúdo do Curso. Esses *chats* acontecerão no mesmo dia das teleconferências, visando ao aprofundamento das questões debatidas no programa.

Consulte as datas e os horários no cronograma geral do Curso.

Além disso, durante todo o período do Curso, uma sala de *chat* ficará disponível permanentemente. Em qualquer dia e horário você poderá manter contato *on line* com seus colegas de Curso, sobre o tema que for do seu interesse.

As datas e os horários das atividades do Curso estão disponíveis no item **Agende-se!**

Neste Curso, teremos, então, dois tipos de chats: um que ficará aberto permanentemente e sem tema específico; e dois fechados que têm data e horário agendados com antecedência e temática própria.

Além dos autores do livro, cada *chat* contará com a presença de um mediador e de um moderador. O mediador será um tutor que faz a abertura da sala com a apresentação do tema e intervém para que a

discussão se mantenha dentro do tema proposto. O papel de moderador também será assumido por um tutor, que terá a função de “filtrar” as mensagens antes de disponibilizá-las para todos.

Para o melhor aproveitamento desse recurso, siga as orientações abaixo:

- ▲ acesse o site **<http://www.ead.ufsc.br/sco>** e clique no link “**CHAT e FÓRUM**”;
- ▲ digite seu nome, cidade e sigla do estado onde mora.
Exemplo: João-Araranguá/SC;
- ▲ procure acompanhar a discussão desde o início, isso é importante porque você irá visualizar a discussão somente a partir do momento de sua entrada. Não é possível ler as mensagens anteriores;
- ▲ procure ater-se ao tema proposto, questione seus colegas e dê sua opinião;
- ▲ se tiver alguma dúvida específica em relação a outras temáticas abordadas no Curso, entre em contato com seu tutor posteriormente. Não utilize o espaço do *chat* para isso;
- ▲ Enquanto estiver na sala, não clique no botão “atualizar”. Essa ação pode retirá-lo da sala;
- ▲ A sala de *chat* será aberta com 30 minutos de antecedência para a apresentação e socialização dos participantes. Aproveite esse momento para conhecer seus colegas.

É importante lembrar que, durante o chat, os tutores não responderão a perguntas individuais. A discussão é coletiva.

Participando dos fóruns de discussão

Os fóruns de discussão são espaços para troca de idéias e opiniões, entre os cursistas, sobre um tema específico referente ao conteúdo do Curso, bem como para troca de experiências. Ao contrário do *chat*, a participação dos cursistas não se dá ao mesmo tempo, pois cada um insere sua opinião no momento que considerar mais propício.

Haverá dois fóruns de discussão em andamento durante todo o Curso, cada um com um tema diferente.

- ▲ No fórum – diferentemente do *chat* – as opiniões podem ser inseridas a qualquer hora.
- ▲ Para entrar no fórum, acesse o site <http://www.ead.ufsc.br/sco> e clique no link “CHAT e FÓRUM”.
- ▲ Você pode responder à pergunta inicial, responder a uma das perguntas dos participantes ou lançar uma nova pergunta.
- ▲ Se tiver alguma dúvida específica em relação ao conteúdo do Curso, entre em contato com seu tutor. Não utilize o fórum para essa finalidade.

Interagindo com o Sistema de Acompanhamento ao Estudante à Distância – SAED

O SAED é uma estrutura organizada para realizar o atendimento, o acompanhamento e a avaliação do processo de estudo e aprendizagem dos cursistas. Conta com uma equipe de tutores e monitores, que podem oferecer o subsídio necessário para o melhor aproveitamento do Curso.

Os **tutores** esclarecem as dúvidas relacionadas aos aspectos pedagógicos: conteúdo, metodologia e elaboração da atividade de aprendizagem. Para isso, foram selecionados profissionais com formação na área deste Curso.

Os **monitores** esclarecem suas dúvidas administrativas, como cadastro, recebimento do kit didático e emissão de certificados.

Horário de Atendimento do SAED:
segunda a sexta-feira, das 8h às 20h.

- ▲ No SAED, cada tutor será responsável por um mesmo grupo de alunos do início ao fim do Curso.
- ▲ Assim que o Curso começar, você irá receber uma “carta de apresentação” de seu tutor, por correio eletrônico, na qual ele informará nome e horário de atendimento.

- ▲ Procure entrar em contato nos horários em que seu tutor estará no SAED, para que ele possa acompanhar seus estudos mais sistematicamente e para facilitar a troca de informações, já que ele conhecerá o conteúdo dos seus últimos contatos.
- ▲ Seu tutor fará contato periódico para acompanhar o andamento de seus estudos. Por isso, é importante manter seus dados cadastrais atualizados, principalmente endereço eletrônico e números de telefone.

Você poderá entrar em contato com nossa equipe utilizando os seguintes recursos:

Atendimento por telefone:

DDG 0800 642 0581 (ligação gratuita)
Fax: (0xx48) 234-6952

Endereço para correspondência:

Educação à Distância – UFSC
Sistema de Acompanhamento ao Estudante à Distância (SAED)
Caixa Postal 5117
CEP 88040-970 Florianópolis / SC

Site do Curso:

<http://www.ead.ufsc.br/sco>

E-mail:

sco@ead.ufsc.br

Assistindo às teleconferências

Teleconferência é um programa de televisão transmitido ao vivo, via satélite, com recepção por antena parabólica. O principal objetivo da teleconferência é ampliar os conteúdos disponibilizados nos materiais didáticos, oferecendo atualização e aprofundamento em relação ao Curso, além de propiciar a interação dos espectadores com os especialistas.



Como participar? Os cursistas poderão enviar perguntas para os especialistas que estiverem participando do programa. As dúvidas devem ser encaminhadas durante a realização do programa pelo telefone **0800 48 0925** ou através do fax **(0xx48) 234-7072**. Esses números estarão disponíveis somente nos dias e horários das teleconferências.

Onde assistir? Qualquer ambiente equipado com uma antena parabólica: escolas, centros comunitários, prefeituras, ou mesmo em sua própria residência. No site do Curso encontra-se a sugestão de locais onde você poderá assistir ao programa na sua região.

Como sintonizar o canal? Todas as antenas parabólicas instaladas no Brasil podem receber a transmissão da teleconferência, que é via satélite. Para receber a transmissão, é preciso ter um aparelho de TV conectado a uma antena parabólica. Para localizar o canal de transmissão, fique atento às informações sobre a sintonia.

Aparelho com Sintonia Automática

Frequência: 1.240 Mhz

Aparelho com Sintonia Manual

Frequência: 3.910 Mhz

Polarização: Horizontal

- ▲ Verifique com antecedência se os equipamentos são adequados (TV, vídeo, telefone e antena parabólica) e se estão regulados na frequência indicada.
- ▲ Procure organizar e ajustar o canal com antecedência. Cinco minutos antes de iniciar a teleconferência, é possível ver uma imagem com o logotipo do Curso e ouvir a seguinte mensagem: “Dentro de instantes você irá assistir a uma teleconferência do Curso de Capacitação em Defesa Civil”.

- ▲ Se possível, grave a teleconferência em vídeo. Assim, você poderá revê-la e até mesmo emprestar o vídeo para outro aluno que não conseguiu assistir.
- ▲ Você poderá organizar a recepção para assistir em grupo, utilizando material de apoio e promovendo discussões sobre a temática apresentada.

Assistindo à videoaula

A videoaula deste Curso tem como objetivo ilustrar, reforçar e complementar o conteúdo do livro. Trata da questão do Sistema de Comando em Operações (SCO) por meio da simulação de situações de risco e da apresentação de experiências vivenciadas pela Defesa Civil no Estado de Santa Catarina.

Assista à videoaula quantas vezes considerar necessário. Ela foi elaborada visando a auxiliar sua compreensão quanto ao SCO e sua participação neste Sistema.

Elaborando as atividades de auto-avaliação

As atividades de auto-avaliação encontram-se ao final de cada unidade do livro. Foram elaboradas visando a auxiliá-lo no seu processo de aprendizagem. A auto-avaliação é um momento de diálogo com os autores do livro, servindo para confrontar seu entendimento sobre os conceitos estudados. Permite, ainda, a resolução de algumas situações concretas, configurando uma estreita relação entre teoria e prática.

Para atingir o equilíbrio desejado durante a aprendizagem, a ação precisa ser constantemente corrigida, tal como um piloto que, graças a pequenas manobras do leme, vai mantendo e corrigindo o rumo a seguir.

Nesse sentido, considere as atividades de auto-avaliação como mais um instrumento para qualificar conhecimentos obtidos com este Curso.

Confira o gabarito na página 109 deste livro.

Elaborando a atividade de aprendizagem

Para concluir este Curso, é necessário realizar e enviar ao SAED uma atividade de aprendizagem. Essa atividade consiste, basicamente, em analisar uma determinada situação e, a partir daí, responder a algumas perguntas sobre ela.

A proposta da atividade consiste na apresentação de cinco casos diferentes. Você deverá escolher um deles de acordo com sua inserção profissional e responder às perguntas solicitadas.

Lembre-se: para concluir o Curso e receber o certificado e o brevê, você deve fazer essa atividade de aprendizagem e enviá-la ao SAED até o dia 30 de abril.

- ▲ Leia com atenção as orientações para elaborar a atividade de aprendizagem.
- ▲ Certifique-se de que entendeu bem as explicações para que possa elaborar a atividade. Em caso de dúvida, faça contato com seu tutor.
- ▲ A atividade pode ser realizada individualmente ou em grupo de até três participantes.
- ▲ Observe a data de entrega da atividade ao SAED, pois ela não será prorrogada.
- ▲ Utilize o formulário ao final do livro ou o do site para enviar a atividade ao SAED.
- ▲ Se utilizar o formulário que está no livro, envie a atividade pelo Correio.
- ▲ Para enviar a atividade via Internet, você pode utilizar o arquivo em “Word” que se encontra no *site* do Curso, preenchê-lo, salvá-lo e enviá-lo para o endereço eletrônico do seu tutor.
- ▲ Sua atividade será recebida e avaliada pelo seu tutor. Com base na avaliação realizada, o tutor emite um comentário (*feedback*) sobre a atividade, para que você possa analisar os pontos positivos e/ou aqueles que merecerem revisão.
- ▲ Lembre-se de que o envio da atividade ao SAED é a garantia da conclusão e do recebimento do certificado e brevê do Curso.

Se a atividade tiver sido digitada em computador, sugerimos, para sua segurança, enviar também o arquivo em disquete ou CD-ROM.

Você receberá uma mensagem de confirmação de recebimento da atividade.

AGENDE-SE!

1ª teleconferência e lançamento do Curso

Data: 11/03/2004

Horário: 9h45 às 11h45

2ª teleconferência

Data: 31/03/2004

Horário: 9h45 às 11h45

1º *chat* temático com a participação de especialista

Data: 11/03/2004

Horário: 18hs às 19h

2º *chat* temático com a participação de especialista

Data: 31/03/2004

Horário: 18h às 19h

Entrega da atividade de aprendizagem ao SAED

Data: 30/04/2004

Certificação

Data: julho de 2004

O QUE VOCÊ VAI ENCONTRAR NESTE LIVRO?

O livro deste Curso foi organizado para facilitar sua leitura e estudo. Para isso, ele contém alguns recursos visuais no decorrer de suas páginas.

A **identificação da unidade** localiza-se no canto superior da página.

Links: textos localizados nas laterais da página que indicam uma informação complementar ao tema tratado.

Quadro-destaque: quadros de texto para destacar informações importantes sobre o tema tratado.

Glossário: localizado nas laterais da página, explica o significado das palavras ou expressões destacadas no texto.

Resumo: localizado ao final de cada unidade temática, apresenta as principais idéias e conceitos discutidos.

O **número da página** localiza-se no canto inferior da página.

O diagrama mostra uma página de um livro com vários recursos visuais circunscritos por linhas azuis e conectados por setas a explicações em caixas de texto. No canto superior direito, há um cabeçalho 'Staff DA FUNÇÃO COMANDO'. Abaixo dele, há um texto explicando a função do Staff do Comando. Um link lateral indica a visualização de etapas de instalação do SCO. Um quadro-destaque contém uma lembrança sobre a conclusão do curso e a entrega de certificados. Um glossário define 'Engarrafamento' como um acidente envolvendo veículos. Um resumo no final da página resume o conteúdo da unidade. No canto inferior direito, há um número de página '76'.

Staff DA FUNÇÃO COMANDO

O Staff do Comando é responsável por algumas atribuições diretas do Comando.

Seguindo a lógica de expansão do SCO, no primeiro momento as atribuições peculiares ao Staff do Comando são desempenhadas pelo próprio Comando, seja ele único ou unificado. As funções são ativadas somente quando se torna necessário delegar alguma atribuição que esteja sobrecarregando o Comando, de acordo com o julgamento do Comando ou seguindo um plano preestabelecido.

Lembre-se: para concluir o Curso e receber o certificado e o brevê, você deve fazer essa atividade de aprendizagem e enviá-la ao SAEED até o dia 30 de abril.

Por exemplo: em uma enchente, a Área Quente é aquela coberta pela água; em um engarrafamento, com múltiplas vítimas, a Área Quente é o local onde estão os veículos e as vítimas.

RESUMO

Nesta unidade você estudou que:

- o Sistema de Comando em Operações se expande e se contrai de acordo com o tamanho e a complexidade da situação, seguindo um organograma previamente delineado em que as posições são ativadas de acordo com a necessidade de delegar atribuições;
- o Comando da operação deve ser assumido pela pessoa de maior nível de autoridade da primeira unidade na situação, podendo ser único ou unificado, e é responsável pelas operações como um todo, incluindo o desenvolvimento e a implementação do Plano de Ação e a requisição e liberação de recursos;

76



Quando vir esse ícone, saiba que ele trará orientações que o ajudarão a organizar-se enquanto estudante à distância.



Esse ícone aparece no início de cada unidade indicando os objetivos de aprendizagem.



Ícone indicativo das atividades de auto-avaliação e de aprendizagem.

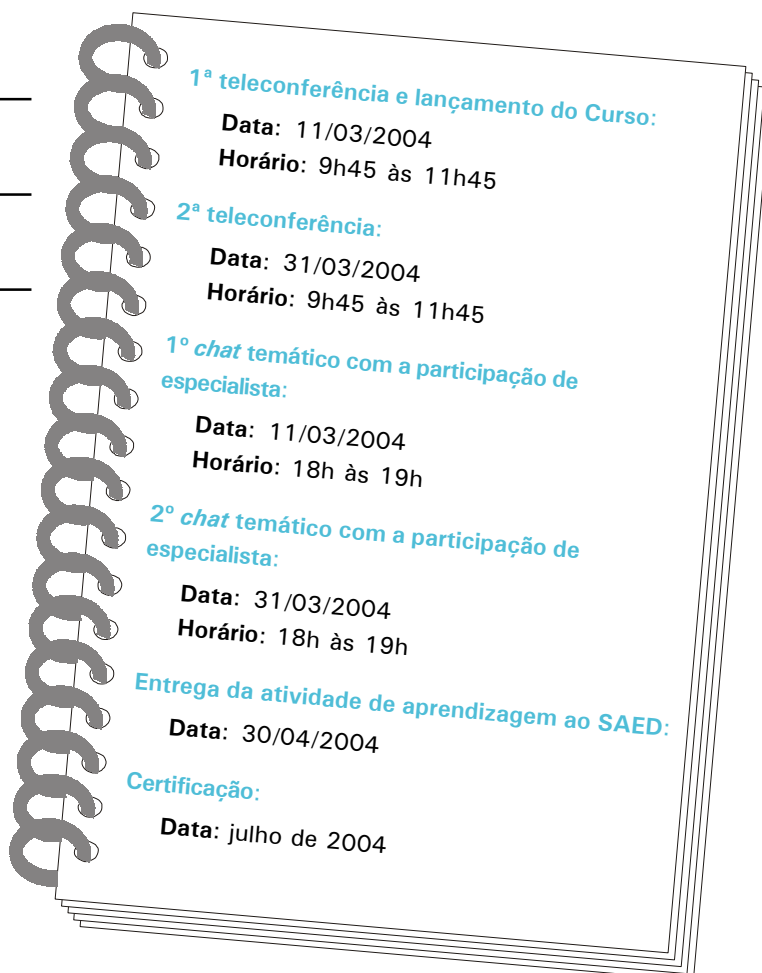
TENHA SEMPRE À MÃO!

Tutor ou Tutora

Nome:

Horário:

Endereço Eletrônico:



Endereços importantes

Visite o site do Curso:

<http://www.ead.ufsc.br/sco>

Contate o SAED:

DDG 0800 642 0581 (ligação gratuita) ou endereço eletrônico: sco@ead.ufsc.br

Envie sua atividade para:

▲ endereço eletrônico do seu tutor ou

▲ carta: Educação à Distância – UFSC

Sistema de Acompanhamento ao Estudante à Distância – SAED

Caixa Postal 5117 Florianópolis – SC CEP 88040-970



Introdução

u n i d a d e

1

Nesta unidade você vai...



- Conceituar desastres, distinguindo a sua intensidade, evolução e origem.
- Diferenciar as emergências das situações críticas.
- Descrever os fatores que afetam as situações críticas.
- Conceituar Sistema de Comando em Operações.
- Identificar a necessidade de um sistema predefinido para o comando de operações em situações críticas.
- Identificar as razões para que você conheça o Sistema de Comando em Operações.

Organizando seu estudo



Crie um roteiro de estudo, estabelecendo os temas e horários de cada dia da semana.

Procure seguir o roteiro para criar o hábito. Aproveite para incluir no roteiro suas outras atividades.

Utilize a margem lateral das páginas para suas anotações.

As 17 horas de uma sexta-feira, há um acidente envolvendo dois veículos de passeio em uma via estreita que liga um populoso bairro da periferia ao centro da cidade. Há três vítimas graves, sendo que uma está presa às ferragens, e um dos carros atingiu um poste, interrompendo o fornecimento de energia elétrica para aproximadamente 20 casas da região. Há um desvio possível por uma rua secundária, porém os pontos de acesso ao desvio ficam a 500 metros do local do acidente para ambos os lados. Imagine que a estória acima ocorreu em sua cidade e registre o seguinte: quais os órgãos e instituições que seriam envolvidos no atendimento a essa situação? Quais os equipamentos e equipes que cada um desses órgãos utilizaria? Quem deve coordenar essa operação? Quais as dificuldades nesse tipo de situação?

Normalmente há um consenso sobre a necessidade de utilizar um sistema adequado para coordenar grandes desastres. O cenário acima, entretanto, ilustra que mesmo situações que não são consideradas desastres requerem a atuação de múltiplos órgãos e serviços.

Nesta unidade, você terá contato com os conceitos básicos para o estudo das operações de emergência, o que permite responder a duas perguntas: por que é necessário usar um Sistema de Coordenação em Situações Críticas e por que você precisa conhecer o Sistema de Comando em Operações da Defesa Civil catarinense.

DESASTRES

Segundo a terminologia adotada pela Política Nacional de Defesa Civil, conceituamos desastre como “resultado de eventos adversos, naturais ou provocados pelo homem, sobre um ecossistema vulnerável, causando danos humanos, materiais e/ou ambientais e consequentes prejuízos econômicos e sociais” (BRASIL, 2002).

Diferentemente do que imaginam muitas pessoas, o desastre não ocorre apenas quando há um fenômeno de origem natural, ou um acidente de grandes proporções atinge subitamente uma área, matando e

chuvas, terremotos, vendavais, erupções vulcânicas ou granizo

explosão, incêndio, derramamento de óleo ou desabamento de um prédio

desalojando muitas pessoas, destruindo as propriedades e paralisando sistemas de produção e serviços.

http://www.defesacivil.gov.br/cur04_index.htm

Conforme a Política Nacional de Defesa Civil, os desastres podem ter diferentes níveis de intensidade, evoluções e origens.

Intensidade dos desastres

Quanto à intensidade, os desastres podem ser de:

Nível I – desastres de pequeno porte, quando os danos causados são facilmente suportáveis e superáveis pelas comunidades afetadas;

Nível II – desastres de médio porte, quando os danos e prejuízos podem ser superados com recursos da própria comunidade, desde que haja uma mobilização;

Nível III – desastre de grande porte, quando a comunidade complementa os recursos locais com auxílio externo a fim de superar os danos e prejuízos;

Nível IV – desastres de muito grande porte, quando não são superáveis e suportáveis pelas comunidades, mesmo quando bem informadas, preparadas, participativas e facilmente mobilizáveis, a menos que recebam ajuda de fora da área afetada.

Evolução dos desastres

Quanto à evolução, os desastres podem ser:

Súbitos ou de evolução aguda – caracterizados pela rapidez com que evoluem e, normalmente, pela violência dos fenômenos que o causam;

Graduais ou de evolução lenta – os que evoluem progressivamente ao longo do tempo, como a seca, por exemplo;

Somação de efeitos parciais – caracterizam-se pela somação de numerosos acidentes ou ocorrências semelhantes, cujos danos, quando somados ao término de um determinado período, definem um desastre muito importante.

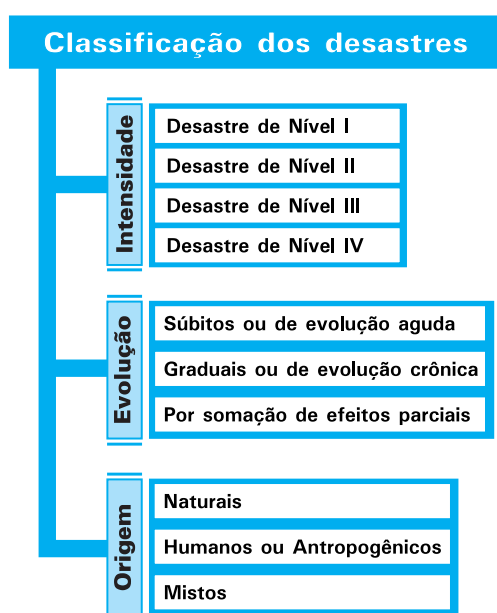
Origem dos desastres

Quanto à origem ou causa primária do agente causador, os desastres são classificados em:

Naturais – provocados por fenômenos e desequilíbrios da natureza e produzidos por fatores de origem externa que atuam independentemente da ação humana;

Humanos – provocados por ações ou omissões humanas;

Mistos – ocorrem quando as ações ou omissões humanas contribuem para intensificar, complicar e/ou agravar desastres naturais.



Como você pode ver, o conceito de desastre é muito mais amplo do que as pessoas em geral imaginam. Além dos exemplos mais comuns, há muitas situações que podem ser consideradas como desastres, embora a comunidade em geral não perceba isso:

- ▲ seca;
- ▲ erosão;
- ▲ acidentes de trânsito;
- ▲ epidemia de HIV/AIDS;
- ▲ violência urbana.

A DEFESA CIVIL

A administração de desastres está ligada à Defesa Civil.

Defesa Civil é o conjunto de ações preventivas, de socorro, assistenciais e reconstrutivas destinadas a evitar e minimizar os desastres, preservar o moral da população e restabelecer a normalidade social. (Política Nacional de Defesa Civil).

No Brasil, ela adota a configuração de um sistema, organizado a partir da esfera federal (Sistema Nacional de Defesa Civil – SINDEC), desdobrando-se no nível estadual (Sistema Estadual de Defesa Civil – SIEDEC) e com as ações desenvolvidas no nível municipal por meio das Comissões Municipais de Defesa Civil (COMDECs) e Núcleos de Defesa Civil (NUDECs). A Política Nacional de Defesa Civil atribui uma grande importância ao funcionamento de todos os níveis do sistema, mas enfatiza a importância da organização e atuação das COMDECs como fator fundamental para as ações de Defesa Civil.

Para mais informações sobre a estrutura e organização da Defesa Civil, consulte os sites da Defesa Civil Nacional (www.defesacivil.gov.br) e do Departamento Estadual de Defesa Civil de Santa Catarina (www.defesacivil.sc.gov.br).

Como você pode perceber a partir do conceito, o principal **foco da Defesa Civil na administração de desastres é a minimização de desastres**, isto é, a redução das conseqüências decorrentes dos eventos adversos, seja evitando que eles aconteçam, seja diminuindo a sua intensidade ou mesmo aumentando a capacidade das comunidades para resistir a eles. Para fazer isso, ela atua em quatro diferentes fases, denominadas **fases da administração de desastres**:

- ▲ **Prevenção**, englobando o conjunto de ações visando a evitar que o desastre aconteça ou diminuir a intensidade de suas conseqüências;
- ▲ **Preparação**, reunindo o conjunto de ações visando a melhorar a capacidade da comunidade (incluindo indivíduos, organizações governamentais e organizações não-governamentais) para atuar no caso de ser atingida por um desastre;
- ▲ **Resposta**, envolvendo o conjunto de ações visando a socorrer e auxiliar as pessoas atingidas por desastres, reduzir os danos e prejuízos e garantir o funcionamento dos sistemas fundamentais da comunidade; e

- ▲ **Reconstrução**, abrangendo o conjunto de ações destinadas a reconstruir a comunidade atingida pelo desastre, propiciando o seu retorno à condição de normalidade, sempre levando em conta a minimização de novos desastres.

Se você já participou de alguma ação da Defesa Civil ou tomou conhecimento de uma dessas ações, deve ter percebido que a Defesa Civil não atua sozinha, mas interage com diversas organizações governamentais e não-governamentais, articulando e organizando o esforço para a minimização dos desastres.

Na fase de administração de desastres denominada **Resposta**, por exemplo, dependendo da natureza do evento, a Defesa Civil costuma interagir com:

- ▲ Corpos de Bombeiros (militares, comunitários, industriais e voluntários);
- ▲ Polícias (Militar, Civil, Rodoviária Federal e Federal);
- ▲ Secretarias de Saúde (Estadual e Municipal);
- ▲ hospitais (públicos e privados);
- ▲ empresas de medicina pré-hospitalar;
- ▲ órgãos de infra-estrutura (secretaria de obras, de estradas);
- ▲ órgãos ambientais (Ibama, órgão estadual e municipal);
- ▲ empresas concessionárias de energia elétrica, água e telefone;
- ▲ organizações voluntárias e filantrópicas;
- ▲ associações comunitárias;
- ▲ Forças Armadas; entre outras.

Na enchente de 1983, mais de 156 municípios, representando aproximadamente 90% do Estado de Santa Catarina, foram atingidos simultaneamente, o que exigiu a articulação de uma resposta estadual ao desastre. Além disso, foi necessário o auxílio de recursos federais, como por exemplo o deslocamento de helicópteros das Forças Armadas. Para mais informações sobre esse evento, consulte o site da Comissão Municipal de Defesa Civil de Blumenau (www.blumenau.sc.gov.br/defesa).

Você deve ter percebido também que a atuação da Defesa Civil ultrapassa, muitas vezes, os limites geográficos entre municípios, estados ou mesmo países. Um mesmo desastre pode atingir diferentes municípios ao mesmo tempo, exigindo a coordenação entre eles para o desenvolvimento de ações de socorro ou auxílio. Além disso, o

impacto de um desastre sobre um município específico pode exigir o auxílio de outro município, seja na forma de unidades de resgate, seja em empréstimo de equipamentos, assessoria de especialistas ou recolhimento de donativos.

Você pode constatar, então, que as operações nessas situações podem ter peculiaridades muito específicas. São características que podem tornar a coordenação dessas operações muito difícil se não houver um sistema padronizado comum para o planejamento e implementação das ações.

DESASTRES, EMERGÊNCIAS E SITUAÇÕES CRÍTICAS

O **desastre**, como você viu no conceito, é a “**consequência de eventos adversos**”, ou seja, ele ocorre como desdobramento de um ou mais eventos críticos, que podem ser a manifestação de um fenômeno da natureza, uma ação/omissão humana ou mesmo a combinação de ambos.

Perceba que nem sempre um evento crítico será o que chamamos de evento adverso, ou causador de um desastre, mesmo que tenha esse potencial. Entretanto, ele pode desencadear situações que, mesmo sem ser desastres, são de alto risco. Ou seja, causam ou têm uma grande possibilidade de causar danos, e os danos provavelmente serão bem graves se ocorrerem.

Por isso, dividimos essas situações em dois grandes grupos: emergências e situações críticas.

Emergências

São situações que exigem uma intervenção imediata de profissionais treinados com equipamentos adequados, mas podem ser atendidas pelos recursos normais de resposta a emergências, sem a necessidade de coordenação ou procedimentos especiais. São as ocorrências atendidas cotidianamente por bombeiros, policiais, equipes de manutenção em redes elétricas, técnicos de defesa civil das COMDECs.

Já falamos que tipo de situação é caracterizada como emergência. Mas, você deve estar se perguntando: e as situações críticas? Conheça suas características no próximo item. Por isso, siga em frente!

Situações críticas

São situações cujas características de risco exigem, além de uma intervenção imediata de profissionais treinados com equipamentos adequados, uma **postura organizacional não rotineira** para a coordenação e o gerenciamento integrados das ações de resposta, mesmo que não caracterizem um desastre.

Alguns exemplos dessas situações são:

- ▲ acidentes com múltiplas vítimas;
- ▲ incêndios florestais;
- ▲ acidentes com produtos perigosos;
- ▲ crises policiais com reféns;
- ▲ evacuação de comunidades; entre outras.

É muito importante que você entenda a diferença entre emergência e situação crítica. Enquanto na primeira se aplicam os procedimentos de coordenação do dia a dia, a segunda exige procedimentos especiais de coordenação. É o que chamamos de postura organizacional não rotineira.

Fatores que afetam as situações críticas

Alto risco – Os riscos envolvidos nas situações críticas são altos, ou seja, a possibilidade de que resultados indesejados se concretizem é grande, e as consequências desses resultados indesejados podem ser muito graves, tais como pessoas mortas, feridas ou desalojadas; propriedades destruídas ou danificadas, com gran-

des prejuízos; sistemas e serviços comprometidos; além de impacto no meio ambiente.

Dinâmicas – Em situações críticas o cenário muda com muita rapidez, às vezes de maneira surpreendente, em função da interação complexa de múltiplos fatores como clima, temperatura, vento, luminosidade, comportamento das pessoas envolvidas e desempenho de equipamentos. Além disso, a situação se modifica em resposta às nossas ações, embora nem sempre da maneira desejada. Finalmente, a dificuldade para obter informações completas e precisas faz com que a nossa percepção da situação crítica se modifique com muita frequência.

Complexas – As situações críticas são complexas por várias razões. Primeiro porque podem envolver problemas por si só complexos (resgates técnicos, derramamento de produtos perigosos, evacuação de muitas pessoas, triagem de múltiplas vítimas, operação de linhas de alta tensão e ocorrências policiais com reféns são alguns exemplos). Além disso, são complexas porque normalmente envolvem mais de uma organização ou serviço, cada um com diferentes prioridades, procedimentos e responsabilidades. E também, como comentamos antes, podem envolver várias jurisdições.

Confusas – Por tudo isso, pode-se dizer que as situações críticas são confusas.

Dizemos que nas situações críticas temos “muitas pessoas tentando fazer com rapidez, sob pressão, em um ambiente com o qual elas não estão familiarizadas, o que elas normalmente não conseguem fazer no dia-a-dia”.

Há uma grande dificuldade em estabelecer a comunicação entre as organizações envolvidas, e a falta de informações faz com que o cenário pareça fragmentado. Prioridades e objetivos comuns nem sempre são estabelecidos para as operações, e os recursos não são compartilhados de forma adequada.

Principais problemas

Assim, alguns problemas específicos estarão presentes na coordenação de operações nesses eventos:

- ▲ estrutura de coordenação e níveis de autoridade indefinidos;
- ▲ comunicação inadequada com os elementos internos e externos à operação;

- ▲ fluxo de informações inadequado;
- ▲ falta de controle sobre os recursos;
- ▲ utilização inadequada de recursos especializados;
- ▲ dificuldade no estabelecimento de áreas, acessos e corredores;
- ▲ relacionamento precário com a imprensa.

SISTEMA PREDEFINIDO DE COORDENAÇÃO EM SITUAÇÕES CRÍTICAS

Por que utilizar?

Há muitos instrumentos da administração de desastres que podem auxiliar as organizações que participam de situações críticas a desenvolver suas atividades de forma coordenada e eficiente.

Alguns são desenvolvidos na fase de **Prevenção**, seja atuando sobre a situação, evitando que ela ocorra ou reduzindo a sua capacidade de produzir danos e prejuízos, seja atuando para aumentar a capacidade das comunidades (pessoas, propriedades, sistemas e meio ambiente) para resistir caso ela ocorra.

Outros instrumentos, muito importantes, estão relacionados à **Preparação**. O pré-planejamento para as possíveis situações críticas, com a elaboração e atualização de **planos de contingência**, pode auxiliar muito nas operações. No plano, estarão previstas a responsabilidade de cada organização, as prioridades e medidas iniciais a serem tomadas e a forma como os recursos serão empregados.

O treinamento prévio para essas situações também é muito importante. Ao colocar o plano em funcionamento, por meio de simulações, as pessoas envolvidas se familiarizam com as suas tarefas, tiram dúvidas e sugerem melhorias. Se você já participou de um treinamento com simulação, deve ter percebido que muitos aspectos previstos no planejamento simplesmente não funcionam como deveriam e precisam ser mudados.

Mesmo que muitas medidas de prevenção e preparação tenham sido tomadas, as situações críticas ainda serão de alto risco, dinâmicas, complexas e até mesmo confusas, embora menos do que seriam

Plano de Contingência é o documento que registra o planejamento elaborado a partir do estudo de uma determinada hipótese de desastre.

Carl Phillip Gottfried Von Clausewitz (178–1831), general prussiano que é considerado o pai da estratégia militar moderna, afirmou que “nenhum plano resiste muito tempo ao contato com o inimigo”.

se nada tivesse sido feito anteriormente. Mesmo o Plano de Contin-
gência precisará de uma readequação baseada nos fatos concretos na
medida em que a situação crítica evolui .

Talvez você esteja se perguntando: mas as organizações que res-
pondem às situações críticas, tais como bombeiros, policiais, brigadas
industriais e COMDECs, não possuem sua própria maneira de atuar,
com prioridades e objetivos, hierarquia definida, canais de comunica-
ção estabelecidos e procedimentos para o uso de recursos? Na maioria
das vezes elas possuem, mas em uma situação crítica provavelmente
terão que atuar com outros órgãos, compartilhando objetivos, infor-
mações e recursos. Além disso, podem ter que desempenhar tarefas
que não realizam normalmente, utilizar equipamentos novos, ou alte-
rar os próprios procedimentos em prol de um objetivo comum.

Por isso, na fase de **Resposta** é importante possuir um sistema
de coordenação e controle previamente padronizado, testado e treina-
do, que permita o melhor gerenciamento da situação crítica.

*A utilização de um sistema de coordenação predefinido
permite uma articulação adequada das ações e o melhor
aproveitamento dos recursos, otimizando os resultados.*

O que é um sistema de coordenação em situações críticas?

Um sistema de coordenação é um modelo gerencial para **coman-
dar, controlar e coordenar** as operações de resposta em situações crí-
ticas, fornecendo um meio de articular os esforços de agências indivi-
duais quando elas atuam com o objetivo comum de estabilizar uma situ-
ação crítica e proteger vidas, propriedades e o meio ambiente.

Quais os requisitos de um sistema predefinido de coordenação em situações críticas?

O sistema a ser predefinido para a coordenação em situações
críticas deve atender a alguns outros requisitos além de ser eficiente e
eficaz. Segundo estudos, é desejável que ele seja:

Adaptável a qualquer tipo de emergência ou situação crítica

A experiência demonstra que deve haver um modelo único para todas as emergências ou situações críticas (inclusive desastres), pois é muito difícil colocar o sistema em prática se houver um para cada tipo de situação. Assim, o sistema de coordenação deve ser o mesmo, seja para um acidente aéreo, um grande incêndio, uma rebelião em um presídio, uma enchente ou um vendaval, mudando apenas o tipo de operação que será desenvolvida.

Utilizável em qualquer tamanho de emergência ou situação crítica

Da mesma forma, deve haver um modelo capaz de ser utilizado com qualquer tamanho de operação. Ele deve ser aplicável em pequenas operações, crescendo de acordo com a necessidade imposta pela situação, sem que haja solução de continuidade ou mudança de procedimentos.

Utilizável em qualquer combinação de órgãos e jurisdições

O sistema deve possibilitar o seu emprego com qualquer combinação de órgãos e jurisdições, ou seja, por apenas um órgão de uma única jurisdição, várias jurisdições do mesmo órgão, vários órgãos coordenados, ou mesmo múltiplos órgãos e jurisdições, adaptando-se com rapidez e flexibilidade.

Ser simples para novos usuários

Considerando que nem sempre todos os envolvidos nas operações de resposta a situações críticas terão sido previamente treinados, é preciso que o sistema seja facilmente explicado para novos usuários, permitindo, assim, a integração de todos os envolvidos nas ações ao sistema adotado.

Ter baixo custo e ser adaptável a novas tecnologias

Finalmente, é preciso que o sistema tenha ao mesmo tempo um baixo custo, para ser possível implementá-lo com poucos recursos materiais, mas também seja adaptável a novas tecnologias de computação, comunicação, obtenção de imagens e outras.

Por que a Defesa Civil catarinense adotou um sistema predefinido de coordenação em situações críticas?

Como você pôde observar, muitas organizações, governamentais e não-governamentais, podem participar de uma operação relacionada a uma situação crítica, emergência ou desastre.

Para que os recursos sejam utilizados da melhor forma, de maneira segura e coordenada, é necessário que haja um sistema predefinido que estabeleça como essa coordenação ocorrerá, a fim de que os problemas que foram estudados não ocorram.

É por isso que a Defesa Civil de Santa Catarina está implantando o seu próprio sistema de em situações críticas. Ele foi denominado Sistema de Comando em Operações (SCO).

Por que você deve conhecer o sistema da Defesa Civil de Santa Catarina?

Todos os que atuam no serviço público, emergencial ou não, e até quem não atua, podem ser chamados para colaborar em uma situação crítica. Considerando que Santa Catarina está adotando o SCO, as pessoas nele envolvidas provavelmente atuarão sob uma estrutura que segue os princípios desse sistema, precisando conhecê-lo para poder atuar bem.

Assim, todas as pessoas que podem eventualmente estar envolvidas nessas operações devem conhecer o sistema predefinido a fim de facilitar o seu uso quando for necessário. Isso nos remete naturalmente àqueles que atuam normalmente em situações de emergência, tais como bombeiros, policiais, socorristas, médicos, técnicos, integrantes das COMDECs e engenheiros da companhia de energia elétrica, entre outros. Mas também inclui outros profissionais como operadores de máquinas nas prefeituras, engenheiros civis, professores de escolas públicas, motoristas de ambulâncias e mesmo voluntários como jipeiros e rádio-amadores.

Por essa razão você está fazendo este curso. Já se deu conta do quanto a sua integração ao SCO é importante?

RESUMO

No estudo desta unidade você aprendeu que:

- ▲ desastre é o “resultado de eventos adversos, naturais ou provocados pelo homem, sobre um ecossistema vulnerável, causando danos humanos materiais e/ou ambientais e conseqüentes prejuízos econômicos e sociais”;
- ▲ a principal diferença entre as emergências e as situações críticas é que as primeiras podem ser atendidas pelos recursos normais de resposta a emergências, sem a necessidade de coordenação ou procedimentos especiais, enquanto as situações críticas exigem uma postura organizacional não rotineira para a coordenação e gerenciamento integrado das ações de resposta;
- ▲ as situações críticas são de alto risco, dinâmicas, complexas e confusas, tendo problemas específicos como estrutura de coordenação e níveis de autoridade indefinidos, comunicação inadequada, fluxo de informações inadequado, falta de controle sobre os recursos, utilização inadequada de recursos especializados, dificuldade no ordenamento de áreas e relacionamento precário com a imprensa;
- ▲ em situações críticas é importante possuir um sistema de coordenação e controle previamente padronizado, testado e treinado, comum aos órgãos envolvidos, que permita a melhor articulação de objetivos, recursos e procedimentos na operação;
- ▲ o sistema de coordenação de situações críticas é um modelo gerencial para comandar, controlar e coordenar as operações de resposta em situações críticas, fornecendo um meio de articular os esforços de agências individuais quando elas atuam com o objetivo comum de estabilizar uma situação crítica e proteger vidas, propriedades e o meio ambiente;
- ▲ você deve conhecer o SCO da Defesa Civil de Santa Catarina porque todos que atuam em emergências, direta ou indiretamente, e mesmo quem não atua, podem ser chamados para colaborar em uma situação crítica, e provavelmente atuarão sob uma estrutura que segue os princípios deste sistema, precisando conhecê-lo para poder atuar bem.

Atividades de auto-avaliação

Exercício 1

Volte agora para a história do início desta unidade e repense as suas respostas. Com base no que leu, analise aquela situação e reflita sobre as questões abaixo.

- a. A situação descrita pode ser caracterizada como uma situação crítica?
- b. Nesse caso, você acha que seria importante utilizar um sistema predefinido para a coordenação integrada das ações dos diversos órgãos envolvidos?
- c. Se esse sistema estivesse sendo usado quando você chegasse para participar da operação, seria importante que você o conhecesse?

Exercício 2

Assinale os requisitos desejáveis para um sistema predefinido de coordenação em situações críticas.

- a. () Adaptável a qualquer tipo de emergência ou situação crítica.
- b. () Ter baixo custo e ser adaptável a novas tecnologias.
- b. () Ser complexo e com *staff* permanente.
- d. () Utilizável em qualquer combinação de órgãos e jurisdições.
- e. () Contar com estrutura fixa, aplicada a todas as situações.
- f. () Ser simples para novos usuários.

O Sistema de Comando em Operações (SCO)

u n i d a d e

2

Nesta unidade você vai...



- Conceituar Sistema de Comando em Operações.
- Identificar situações em que o Sistema de Comando em Operações pode ser utilizado.
- Enumerar as três estruturas básicas do Sistema de Comando em Operações.
- Descrever o Comando, o *Staff* do Comando e o *Staff* Principal.
- Descrever os princípios do Sistema de Comando em Operações.

Organizando seu estudo



Faça pausas periódicas durante as horas de estudo. Sugerimos uma pausa de 10 minutos a cada 50 minutos de atividades.

Na unidade anterior você identificou a necessidade de um sistema predefinido para a coordenação de determinadas atividades relacionadas a resposta em situações críticas. Viu ainda como é importante que as pessoas que atuam nessas situações conheçam o sistema adotado.

Nesta unidade, você irá estudar o modelo de sistema de coordenação adotado pela Defesa Civil de Santa Catarina.

O CONCEITO DE SCO

O Sistema de Comando em Operações é uma ferramenta gerencial para **comandar**, **controlar** e **coordenar** as operações de resposta em situações críticas, fornecendo um meio de articular os esforços de agências individuais quando elas atuam com o objetivo comum de estabilizar uma situação crítica e proteger vidas, propriedades e o meio ambiente.

A partir deste momento utilizaremos a sigla SCO para designar o Sistema de Comando em Operações adotado pela Diretoria Estadual de Defesa Civil de Santa Catarina.

ORIGEM DO SCO

O SCO adotado pela Defesa Civil de Santa Catarina é baseado no Incident Command System (ICS), criado e desenvolvido nos Estados Unidos da América.

O ICS foi desenvolvido nos anos 70, em resposta a uma série de incêndios florestais que praticamente destruíram o sudoeste da Califórnia.

Naquela ocasião, as autoridades de municípios, de condados e do próprio governo estadual colaboraram para formar o *FIrefighting RESources of California Organized for Potential Emergencies (FIREScope)*.

Após analisar os resultados desastrosos da atuação de órgãos e jurisdições naquele episódio, o *FIREScope* concluiu que o maior problema não estava na quantidade nem na qualidade dos recursos envolvidos. Havia muitos caminhões, muitas aeronaves e muito equipamento. Havia também muitos bombeiros, policiais e voluntários, na maio-

Sistema de Comando em Incidentes.

Para mais informações sobre o *FIREScope* e a origem do ICS, você pode consultar o site <http://www.firescope.org> (em inglês).

ria bravos e competentes. O problema, concluiu-se, estava na dificuldade em coordenar as ações de diferentes órgãos e jurisdições de maneira articulada e eficiente. O *FIRESCOPE* identificou vários problemas comuns sobre respostas a eventos envolvendo múltiplos órgãos e circunscrições, tais como:

- ▲ falta de uma estrutura de comando clara, definida e adaptável às situações;
- ▲ dificuldade em estabelecer prioridades e objetivos comuns;
- ▲ falta de uma terminologia comum entre os órgãos envolvidos;
- ▲ falta de integração e padronização das comunicações;
- ▲ falta de planos e ordens consolidados.

O esforço para resolver essas dificuldades resultou no desenvolvimento do modelo do *ICS*. Apesar de ter sido originalmente desenvolvido em resposta aos incêndios florestais, o *ICS* mostrou-se um sistema apropriado para todos os tipos de emergências e desastres.

Dessa forma, o *ICS* passou a ser o sistema recomendado pela *Federal Emergency Management Agency (FEMA)* para o gerenciamento de todos os tipos de emergências e desastres. O *ICS* foi incluído então no *National Interagency Incident Management System (NIIMS)*, ou Sistema Nacional de Gerenciamento entre Agências em Incidentes.

Agência Federal de Administração de Emergências, órgão federal responsável pela administração de desastres nos Estados Unidos da América.

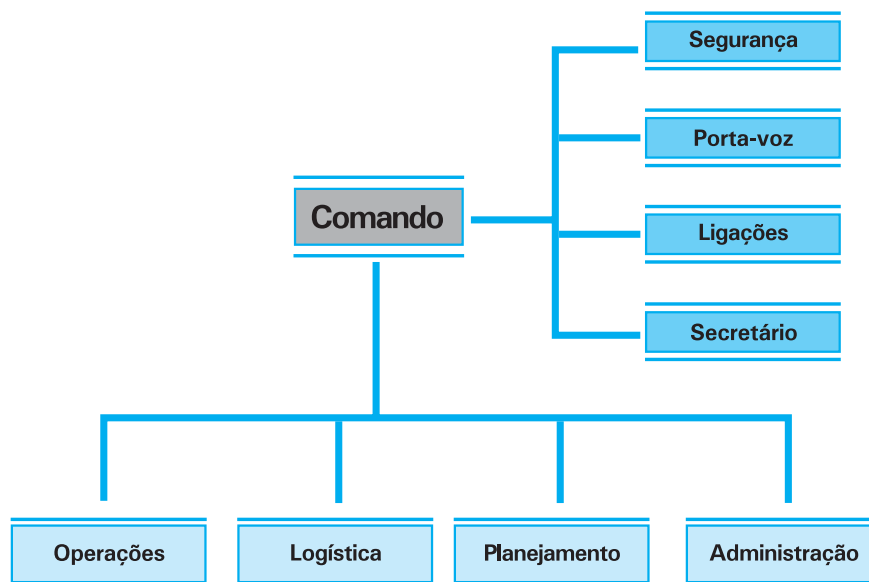
QUANDO O SCO PODE SER UTILIZADO

O SCO pode ser utilizado para responder a vários tipos de situações críticas, incluindo:

- ▲ acidentes com produtos perigosos;
- ▲ resposta a desastres naturais;
- ▲ operações policiais envolvendo outros órgãos;
- ▲ incêndios florestais;
- ▲ acidentes com múltiplas vítimas;
- ▲ operações de busca e salvamento;
- ▲ acidentes envolvendo várias jurisdições.

A ESTRUTURA BÁSICA DO SCO

A estrutura principal do SCO é constituído por: Comando, *Staff* do Comando e *Staff* Principal.



Legenda:

■ Comando ■ Staff do Comando ■ Staff Principal

Comando

O comando é responsável pelas ações como um todo, e estabelece os objetivos e prioridades para a operação.

Staff Principal

Operações – Conduz as ações necessárias para alcançar as prioridades e os objetivos estabelecidos.

Planejamento – Desenvolve o Plano de Ação, que reúne e avalia as informações relativas à situação e ao conjunto de recursos envolvidos.

Logística – Fornece o suporte material para a implantação do Plano de Ação, além de prover os recursos e serviços necessários para dar suporte ao pessoal envolvido nas operações.

Em inglês *staff* significa corpo de assistentes ou equipe de auxiliares.

O Plano de Ação, que será abordado em detalhes mais adiante, é um princípio muito importante do SCO.

Administração – Efetua compras e locações, monitora e registra os custos relacionados às operações e controla o emprego dos recursos humanos.

Cada uma dessas funções pode se desdobrar em sucessivos níveis de autoridade e responsabilidade, de acordo com a necessidade determinada pela situação.

Você deve estar com dúvidas em relação às atividades específicas de cada uma dessas funções. Não se preocupe, pois na unidade 3 elas serão detalhadas.

Staff do Comando

Da mesma forma como pode delegar as funções principais do SCO, o Comando pode também delegar algumas atribuições mais específicas, ativando funções diretamente ligadas à sua atuação. Essas funções são denominadas *Staff* do Comando.

Operações, Planejamento,
Logística e Administração

Segurança

É responsável pela avaliação e gerenciamento dos riscos envolvidos nas atividades que são realizadas, fiscalizando procedimentos de segurança e uso de equipamentos de proteção, monitorando perigos, entre outros aspectos.

Ligações

Serve de ponto de contato com os órgãos governamentais e não-governamentais, bem como entidades voluntárias, que são chamados a auxiliar em alguma etapa da operação, mas que não farão parte do SCO.

Porta-voz

O Porta-voz é responsável pelos contatos com a mídia em nome do SCO.

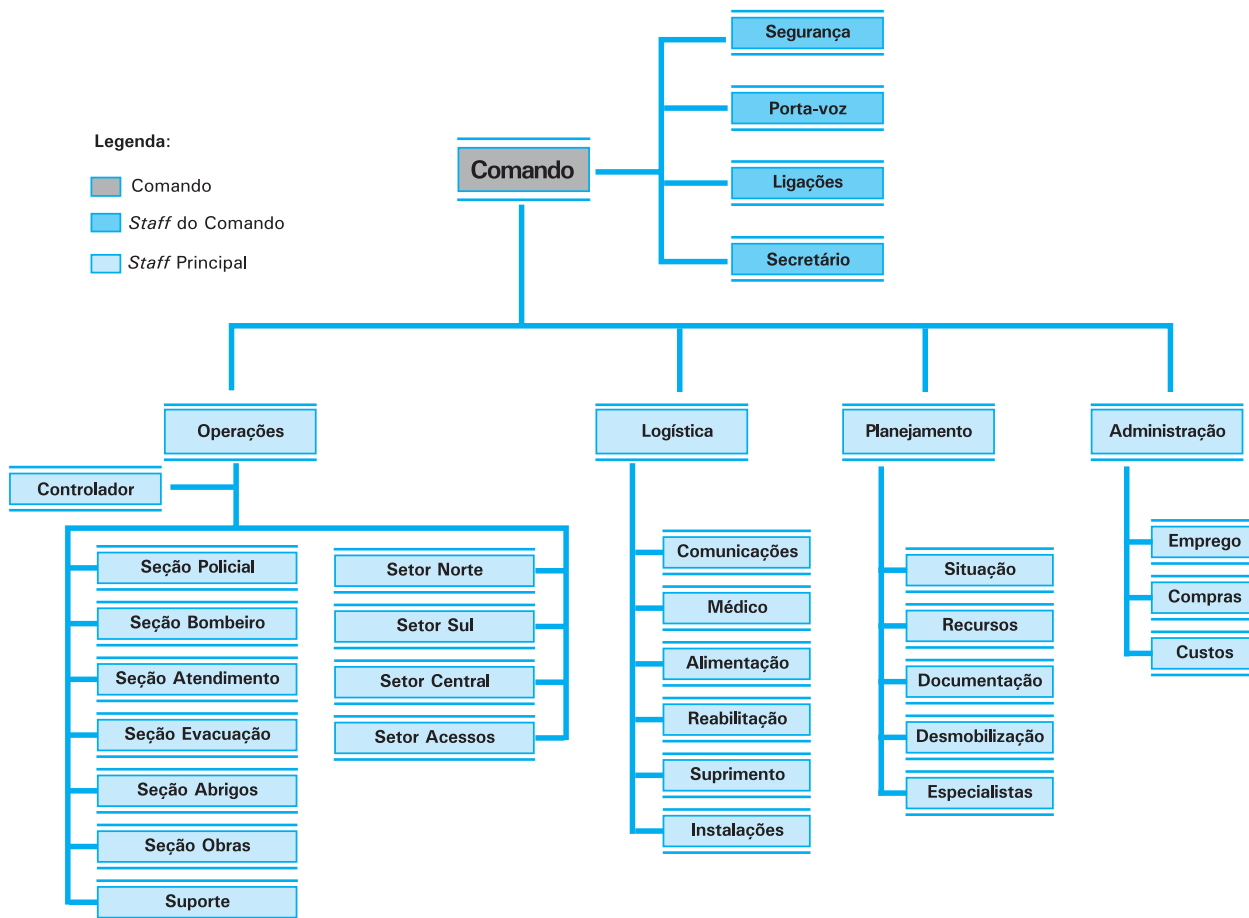
Secretário

O Secretário auxilia o Comando com a preparação e registro de reuniões, organização do Posto de Comando e outras atividades de assessoria direta ao Comando.

O ORGANOGRAMA DO SCO

Cada uma dessas funções pode se desdobrar em sucessivos níveis de autoridade e responsabilidade, de acordo com a necessidade determinada pela situação. Aliás, a maior vantagem do modelo de organização do SCO é a possibilidade de ativar apenas as partes da organização que são necessárias.

Ao todo, em situações complexas e demoradas, o SCO pode reunir centenas de posições ativadas, capazes de lidar com grande quantidade e variedade de recursos para atingir os objetivos estabelecidos.



Entretanto, na maioria dos casos, as operações iniciam-se e terminam com apenas o Comando e alguns recursos compondo a estrutura do SCO.

PRINCÍPIOS DO SCO

O SCO é um sistema de gerenciamento. Como tal, ele possui uma série de princípios e conceitos que, colocados em prática, torna-o uma ferramenta adequada para coordenar a atuação integrada de múltiplos órgãos em situações críticas.

Por isso, é importante destacar que o SCO é mais do que um organograma. Aliás, você perceberá que a organização é apenas um dos seus princípios.

O SCO se baseia em nove princípios, que você vai conhecer a partir de agora.

Gerenciamento por objetivos

O gerenciamento de situações críticas no SCO é baseado em uma linha de administração denominada Administração por Objetivos (APO) ou Management by Objectives (MBO). O estabelecimento de prioridades e objetivos comuns, de forma clara, específica e mensurável, é utilizado para articular os recursos e esforços e acompanhar a evolução da operação.

Plano de Ação

A ferramenta para consolidar o gerenciamento por objetivos na coordenação de situações críticas onde o SCO é utilizado é o Plano de Ação. Elaborado pelo Comando, o Plano de Ação fornece aos órgãos, agências e equipes envolvidas o conhecimento das prioridades e objetivos que devem ser atingidos em um determinado período, permitindo a otimização dos esforços.

O Plano de Ação começa a ser elaborado assim que as informações fluem para o Comando. Uma operação terá tantos planos de ação quanto forem necessários para resolver a situação, e eles podem ser mais ou menos formais conforme a situação. Nos primeiros momentos, ou em situações menos complexas, o Plano de Ação é verbal.

Em outras situações, ele pode ter um grau maior de formalidade, com as principais informações registradas em um quadro de forma esquemática. Finalmente, em situações complexas, podem ser produzidos planos escritos.

De qualquer forma, independentemente do grau de formalidade, o Plano de Ação deve estipular um período para ser executado, os objetivos a serem alcançados e as tarefas a serem cumpridas.

Estrutura modular e flexível

Ao implementar o SCO, apenas as funções necessárias para alcançar os objetivos são ativadas. Dessa forma, a estrutura pode ser adaptada a várias situações, pois a tarefa designada para uma função que não foi ativada é executada pelo nível superior até que a complexidade da operação exija.

Isso significa dizer que, quando uma unidade de emergência chega ao local de uma situação crítica, e o mais graduado da equipe assume o comando, todas as funções gerenciais e seus desdobramentos estão sendo exercidas por ele, ou seja, ele está coordenando **Operações, Planejamento, Logística e Administração**, além do próprio Comando. Ao constatar que uma determinada função demandará uma atenção especial, ele ativa a função, e a estrutura se amplia para se adaptar à situação.

Você poderá visualizar melhor essa característica do SCO ao assistir à videoaula.

Unidade e cadeia de comando

Dentro do SCO cada elemento que se integra ao sistema deve reportar-se apenas a uma pessoa, e todos no sistema devem se reportar a alguém. É muito importante que não haja organizações ou pessoas “desgarradas” na operação, pois o sucesso nas operações em situações críticas está associado ao trabalho em equipe.

Nível de controle

O nível de controle refere-se ao número de pessoas que um coordenador pode coordenar com segurança em uma situação crítica. Nessas situações, manter um nível de controle adequado sobre as equipes envolvidas é fundamental. Por isso, o SCO estabelece que um único coordenador deve atuar com um limite entre três e sete equipes ou funções. Se alguém no SCO está coordenando menos do que três ou mais do que sete equipes ou funções, é possível que um ajuste na estrutura seja necessário.

Controle de recursos no SCO: pessoas, equipes e unidades

Como você verá adiante, o conceito de recursos no SCO é operacional: abrange pessoas, equipes e unidades, com os respectivos equipamentos e prontas para o emprego imediato. Assim, uma guarnição de atendimento pré-hospitalar incluindo pessoal, equipamentos e viatura é considerada um recurso. Por outro lado, uma ambulância sem motorista não é considerada um recurso.

Todos os recursos operacionais empregados no SCO devem estar integrados ao sistema. Para isso, ao chegar ao local das operações, as pessoas, equipes e unidades irão passar por uma área previamente designada, denominada Área de Reunião, onde se submeterão a um *check in* (procedimento de recepção). Neste *check in* os recursos são cadastrados, e então as pessoas, equipes e unidades recebem orientação sobre como proceder. A partir desse momento, todas as designações dadas ao recurso são monitoradas: quando ele recebe uma tarefa, retorna para a Área de Reunião, está indisponível ou é liberado da operação.

Saiba mais sobre a Área de Reunião na Unidade 4.

Check in é o procedimento de verificação, conferência, recepção.

Terminologia comum

Outra característica importante no SCO é a adoção de uma terminologia comum, que possibilite a compreensão entre os órgãos envolvidos.

A terminologia comum envolve em primeiro lugar as expressões relacionadas ao próprio SCO. Se por exemplo a expressão que designa o local onde o comando desenvolve suas atividades é Posto de Comando, haverá confusão se alguém solicitar a localização do QG, Sala de Situação ou Escritório de Crise.

Envolve também os equipamentos e recursos utilizados. Imagine chegar uma solicitação urgente de uma aeronave de asa móvel ao Posto de Comando e este responde que não será possível atender, pois só há helicópteros disponíveis (e aeronave de asa móvel é uma forma de designar o helicóptero!).

Finalmente, recomenda-se que não sejam usados códigos na conversação por rádio, principalmente aqueles que são peculiares a determinada atividade ou órgão.

Comunicações integradas

A capacidade de se comunicar com os elementos do SCO é absolutamente essencial.

Isso nem sempre é fácil, pois de um modo geral a comunicação entre os órgãos que respondem normalmente a emergências é dificultada pela incompatibilidade entre equipamentos e frequências.

Por isso, é absolutamente necessário que o SCO desenvolva um Plano de Comunicações prevendo “quem conversará com quem e como”. Para garantir a integração, pode ser necessário distribuir, trocar ou programar equipamentos.

De acordo com a necessidade, o **Plano de Comunicações** pode prever o estabelecimento de diferentes redes de comunicação:

Rede de comando

A rede de comando integra as funções básicas do SCO: Comando, *Staff* do Comando e *Staff* Principal.

Rede tática

Poderão ser montadas tantas redes táticas quanto necessárias, para garantir a conversação dentro de um mesmo setor ou seção.

Rede administrativa

Em operações mais complexas o tráfego de comunicações administrativas pode ser tão intenso que atrapalharia a comunicação operacional. Como você pode imaginar, isso seria muito prejudicial (e até perigoso) para a operação. Imagine uma equipe policial precisando de reforço por estar em uma situação perigosa e não conseguir entrar em contato com o coordenador de operações, pois o rádio está sendo utilizado para solicitar marmitas para o Posto de Comando.

Por isso, de acordo com a necessidade, pode ser estabelecida uma rede de comunicação destinada às comunicações ligadas ao apoio logístico.

Rede terra-ar

Estabelecida para controle do tráfego aéreo, normalmente a rede terra-ar é operada por um técnico com conhecimento das normas de segurança e tráfego aéreo.

Os elementos operacionais (equipes, guarnições, unidades) podem ser organizados de duas formas: em **setores**, quando são agrupadas por área (setor norte, setor Bairro Centro, setor Fazenda Barreiro); ou em **seções**, quando são agrupados por tipo de atividade (seção de policiamento, seção de resgate, seção de manutenção de adutoras, seção de abrigos).

Rede ar-ar

A rede ar-ar é estabelecida para comunicação entre as aeronaves integradas ao SCO, visando à segurança e articulação dos equipamentos envolvidos.

Rede de suporte médico

No caso específico de situações críticas envolvendo múltiplas vítimas, pode ser estabelecida uma rede de comunicação específica para interligar o SCO com os hospitais ou centro de referência, a fim de organizar a remoção, transporte e transferência das vítimas para unidades hospitalares referenciadas.

Rede estratégica

Pode ser ainda necessário estabelecer uma ligação entre o SCO, por meio do Comando, e o nível de autoridade superior. Essa rede, denominada estratégica, deve ser confiável, acessível e permitir privacidade na troca de informações.

Definição de áreas e instalações

Outra característica importante do SCO é ordenar o espaço físico, delimitando áreas de trabalho. As principais são: Área Quente, Área Morna, Área Fria, Área de Reunião, Posto de Comando e Bases de Apoio. Cada uma delas será abordada na próxima unidade.

Para que você possa se integrar ao SCO, é imprescindível que conheça os seus princípios. Você acha que conseguiu atingir os objetivos propostos no início desta unidade?

RESUMO

Nesta unidade você estudou que:

- ▲ o SCO é uma ferramenta gerencial para comandar, controlar e coordenar as operações de resposta em situações críticas, fornecendo um meio de articular os esforços de agências individuais quando elas atuam com o objetivo comum de estabilizar uma situação crítica e proteger vidas, propriedades e o meio ambiente;
- ▲ o SCO pode ser utilizado em emergências e situações críticas de qualquer tipo e qualquer tamanho, tais como acidentes com produtos perigosos, resposta a desastres naturais, operações policiais, incêndios florestais, acidentes com múltiplas vítimas, operações de busca e salvamento e acidentes envolvendo várias jurisdições;
- ▲ as estruturas básicas do SCO são Comando, *Staff* do Comando e *Staff* Principal;
- ▲ as funções do *Staff* do Comando são Segurança, Ligações, Porta-voz e Secretário;
- ▲ as funções do *Staff* Principal são Operações, Logística, Planejamento e Administração;
- ▲ o SCO se baseia em nove princípios: gerenciamento por objetivos; Plano de Ação; estrutura modular e flexível; unidade e cadeia de comando; nível de controle; controle de recursos; terminologia comum; comunicações integradas; e definição de áreas e instalações.

Atividade de auto-avaliação**Exercício 1**

Assinale V para as afirmações verdadeiras e F para as afirmações falsas, usando o conteúdo da unidade II como referência:

- a) () O SCO é um modelo de ferramenta gerencial para comandar, controlar e coordenar as operações de resposta a situações críticas.
- b) () O SCO fornece um meio de articular os esforços de agências individuais quando elas atuam com o objetivo comum de estabilizar uma situação crítica e proteger vidas, propriedades e meio ambiente.
- c) () O Sistema de Comando em Operações só pode ser utilizado em situações de grande porte e complexidade, que se caracterizam como desastres.
- d) () As três estruturas básicas do SCO são Desastres, Emergências e Ocorrências.
- e) () O Sistema de Comando em Operações pode ser utilizado em emergências e situações críticas de qualquer tipo e qualquer tamanho.
- f) () As três estruturas básicas do SCO são Comando, *Staff* do Comando e *Staff* Principal.
- g) () As funções do *Staff* do Comando são Prevenção, Preparação, Resposta e Reconstrução.
- h) () As funções do *Staff* do Comando são Segurança, Ligações, Porta-voz e Secretário.
- i) () As funções do *Staff* Principal são Prevenir, Preparar, Responder e Reconstruir.
- j) () As funções do *Staff* Principal são Operações, Logística, Planejamento e Administração.

- k)** () Segundo o princípio do SCO denominado Gerenciamento por Objetivos, as ações na operação são guiadas por prioridades e objetivos comuns, que devem ser alcançados em um determinado período de tempo.
- l)** () Segundo o princípio do SCO denominado Plano de Ação, as orientações do Comando para a articulação das prioridades, objetivos e uso dos recursos na operação são divulgadas por meio do Plano de Ação.
- m)** () Segundo o princípio do SCO denominado Estrutura Modular e Flexível, todas as funções previstas no organograma do sistema devem ser ativadas em todas as operações.
- n)** () Segundo o princípio do SCO denominado Unidade de Comando, em uma operação cada elemento que se integra ao sistema deve reportar-se apenas a uma pessoa, e todos no sistema devem se reportar a alguém.
- o)** () Segundo o princípio do SCO denominado Controle de Recursos, não há necessidade de que os recursos operacionais sejam integrados ao sistema, desde que cada um saiba sua atribuição legal.
- p)** () Segundo o princípio do SCO denominado Terminologia Comum, cada organização deve utilizar seus próprios códigos e jargões, a fim de preservar o sigilo das comunicações.

As Atribuições do Comando, do *Staff* do Comando e do *Staff* Principal

u n i d a d e

3

Nesta unidade você vai...



- Descrever como o SCO se expande e se contrai de acordo com a situação crítica.
- Descrever as atribuições do Comando.
- Descrever as atribuições do *Staff* do Comando.
- Descrever as atribuições do *Staff* Principal.

Organizando seu estudo



Utilize os outros recursos didáticos disponíveis no Curso, como site e videoaula, e conte com o auxílio de seu tutor ou tutora.

Como você estudou na unidade anterior, um princípio importante para a utilização do SCO é a organização modular do sistema.

Por isso, nesta unidade vamos aprofundar nosso entendimento sobre as três estruturas básicas do sistema e as funções ligadas a cada uma delas.

É importante lembrar que a organização pode se expandir ou se contrair de acordo com a complexidade da situação e a disponibilidade de recursos, favorecendo o seu uso em situações críticas de todo tipo e qualquer tamanho, adaptando-se à evolução dinâmica que caracteriza essas situações.

Entretanto, ela não se amplia de forma aleatória, mas de acordo com uma lógica que visa a prevenir aqueles problemas identificados pelo *FIRESCOPE* em relação às operações em situações críticas, bem como atender aos princípios estabelecidos para o funcionamento do SCO como um verdadeiro sistema.

Nesse sentido, o organograma do SCO estabelece uma estrutura básica, com funções definidas por procedimentos preestabelecidos. É com base nessa estrutura que o Comando irá implementar o SCO, ativando as principais funções na medida em que elas são necessárias.

Lembre-se de que você viu esses problemas e princípios encontrados em situações críticas na unidade anterior.

COMANDO

O Comando é responsável pelas operações como um todo, incluindo o desenvolvimento e a implementação do Plano de Ação e a requisição e liberação de recursos.

Uma questão controversa em algumas situações críticas é determinar quem comandará. Devido ao grande número de órgãos com competências semelhantes, pelo fato de uma mesma situação poder afetar diferentes jurisdições, e porque nem sempre quem tem a competência legal tem os recursos técnicos e materiais necessários. Essa dúvida é a principal causa para a falta de uma estrutura de comando definida. Como não há consenso sobre quem está no Comando, cada um age por si.

Como é necessário que o SCO seja instalado o mais rapidamente possível, para que as ações sejam coordenadas desde o início da operação, **alguém deve assumir o Comando logo no início.**

Em situações geograficamente restritas, em que o SCO vai ser instalado em campo, na cena das operações, o comando é assumido pela pessoa de maior autoridade da primeira unidade que chega ao local onde a situação crítica está se desenrolando.

Em outras situações, geralmente quando a área geográfica afetada é maior, um Plano de Contingência pode determinar que uma pessoa específica seja comunicada e assuma o Comando, deslocando-se para o Posto de Comando e começando a coordenar as operações.

Você viu na lição anterior que Plano de Contingência é o documento que registra o planejamento elaborado a partir do estudo de uma determinada hipótese de desastre.

Como você deve estar imaginando, muitas vezes o Comando será assumido por alguém do nível operacional, e a importância da situação pode exigir alguém com mais autoridade ou conhecimento técnico. Ainda pode ser que outro órgão deva assumir o Comando das operações, seja por competência técnica ou legal. Mas não há problema, pois o Comando pode ser transferido durante as operações, desde que tal transferência seja feita formalmente, no Posto de Comando, com a troca de todas as informações necessárias.

Além disso, o Comando pode ser exercido por mais de uma pessoa, reunindo representantes dos órgãos com mais recursos e responsabilidades relacionadas à operação. Assim, no SCO o Comando pode ser **único**, quando assumido por apenas uma pessoa, ou **unificado**, quando assumido por mais de uma pessoa, representando os órgãos envolvidos na operação.

Suas principais atribuições são:

- ▲ instalar o SCO;
- ▲ designar o Posto de Comando e a Área de Reunião;
- ▲ dimensionar o evento e avaliar as prioridades;
- ▲ determinar objetivos estratégicos;
- ▲ determinar objetivos táticos;
- ▲ desenvolver um Plano de Ação;
- ▲ desenvolver uma estrutura organizacional adequada;
- ▲ gerenciar os recursos disponíveis;
- ▲ coordenar as atividades como um todo;

Visualize a instalação do SCO em todas as suas etapas na videoaula do Curso.

- ▲ garantir a segurança;
- ▲ coordenar as atividades com outros órgãos;
- ▲ divulgar informações para a mídia;
- ▲ registrar as informações referentes à operação e situação crítica.

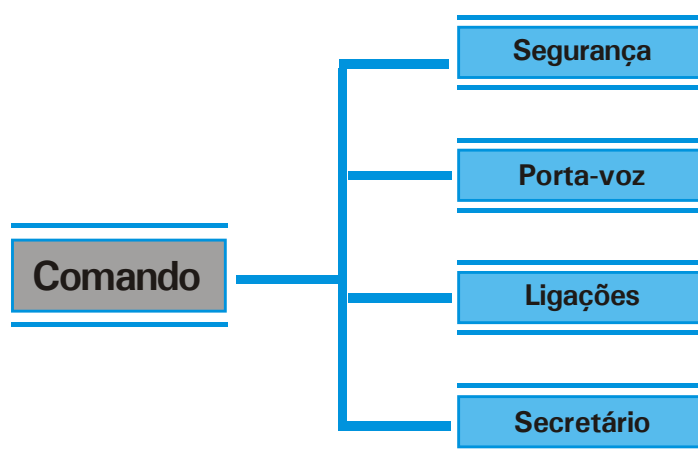
Muito bem! Já está claro que o Comando é o responsável pela operação como um todo. Porém, ele conta com outras equipes para auxiliá-lo, dependendo da complexidade da situação crítica. Vamos conhecer como elas estão organizadas?

Staff DA FUNÇÃO COMANDO

O *Staff* do Comando é responsável por algumas atribuições diretas do Comando.

Seguindo a lógica de expansão do SCO, no primeiro momento as atribuições peculiares ao *Staff* do Comando são desempenhadas pelo próprio Comando, seja ele único ou unificado. As funções são ativadas somente quando se torna necessário delegar alguma atribuição que esteja sobrecarregando o Comando, de acordo com o julgamento do Comando ou seguindo um plano preestabelecido.

Não esqueça que quando utilizarmos a expressão *staff* estamos falando de "equipe".



Coordenador de Segurança

O Coordenador de Segurança, membro do *Staff* do Comando, é o responsável por monitorar e avaliar situações inseguras, desenvolvendo medidas para garantir a segurança das pessoas envolvidas na operação. Isso envolve vários aspectos como uso de equipamentos de proteção individual, monitorar o revezamento de operadores em tarefas arriscadas, uso de sistemas de ancoragem, restrição de acesso a determinadas áreas e outras ligadas à saúde ocupacional das pessoas envolvidas na operação.

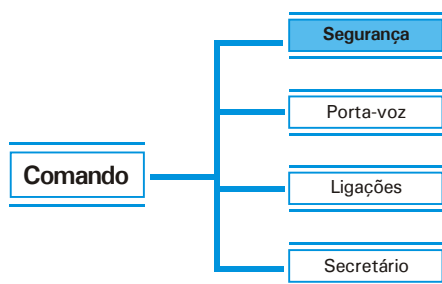
Dependendo da complexidade da operação, o Coordenador de Segurança pode contar com especialistas e auxiliares para estabelecer as medidas adequadas e exercer o controle necessário.

Vale destacar que é muito importante que o Coordenador de Segurança possua autoridade para interromper, de imediato, qualquer atividade que julgue insegura. Ele fará isso pessoalmente ou usando as linhas normais de autoridade, dependendo da gravidade da situação.

Finalmente, é importante que ele mantenha um registro das situações inseguras, incluindo recomendações de segurança no Plano e Ação.

Suas principais atribuições são:

- ▲ obter as informações sobre a situação crítica e o SCO;
- ▲ avaliar o risco potencial da operação e identificar os requisitos gerais de segurança;
- ▲ recomendar medidas para gerenciamento dos riscos relacionados à operação;
- ▲ avaliar a segurança das pessoas envolvidas na operação e estabelecer medidas preventivas para redução do risco;
- ▲ informar ao Comando os requisitos de segurança para que pessoas adentrem a área de operação;
- ▲ interromper pessoalmente, de imediato, qualquer ato ou condição insegura que exija rápida intervenção;
- ▲ manter registro das situações inseguras constatadas;
- ▲ participar da elaboração do Plano de Ação visando a estabelecer medidas de segurança.



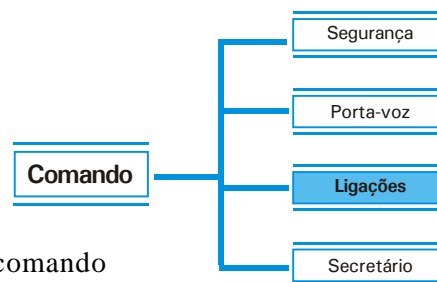
Coordenador de Ligações

O Coordenador de Ligações, membro do *Staff* do Comando, é o ponto de contato para os representantes dos órgãos que estão auxiliando e cooperando com a operação.

Como você viu anteriormente, quando o SCO é instalado em uma situação crítica envolvendo vários órgãos, um comando unificado é estabelecido para que haja a coordenação de objetivos, recursos e ações entre os envolvidos. Entretanto, há recursos operacionais que não chegam a integrar o comando unificado porque sua participação é muito pontual e localizada. Então, esses órgãos estabelecem contato com o SCO por meio do Coordenador de Ligações.

Suas principais atribuições são:

- ▲ obter as informações sobre a situação crítica e o SCO;
- ▲ estabelecer um ponto de contato para os órgãos que estão auxiliando e cooperando com a operação;
- ▲ identificar um representante de cada órgão, incluindo meio de contato;
- ▲ atender às solicitações do Comando para estabelecer contato com os órgãos que estão auxiliando e cooperando com a operação;
- ▲ monitorar as operações para identificar possíveis conflitos ou problemas no relacionamento entre os órgãos que estão auxiliando e cooperando com a operação;
- ▲ manter um registro dos órgãos que estão auxiliando e cooperando com a operação e seus contatos.

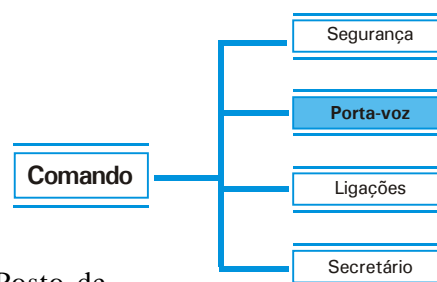


Porta-voz

O Porta-voz, membro do *Staff* do Comando, é responsável pela formulação e divulgação de informações sobre a situação crítica e as operações para a mídia.

Para fazer isso ele deve acompanhar as atividades no Posto de Comando e agir proativamente para informar a mídia por meio de informes aprovados pelo Comando.

Além disso, o Porta-voz deve organizar os contatos com a mídia, estabelecendo locais e horários para que as informações sejam divulgadas para todos os representantes da mídia de forma igualitária.



Finalmente, é bom destacar que o Comando pode dar entrevistas, desde que elas sejam organizadas em locais e momentos que não interfiram na coordenação das operações.

Por isso mesmo, o Porta-voz deve ser escolhido com cuidado, pois representa a face visível da operação junto à população. Ele pode ser um profissional de relações públicas ou jornalismo, disponibilizado por um dos órgãos envolvidos. Outra opção, quando o comando unificado for estabelecido, é que um dos integrantes do Comando faça o papel de Porta-voz, atendendo à ansiedade da mídia para contatar alguém com certo grau de autoridade no sistema.

Suas principais atribuições são:

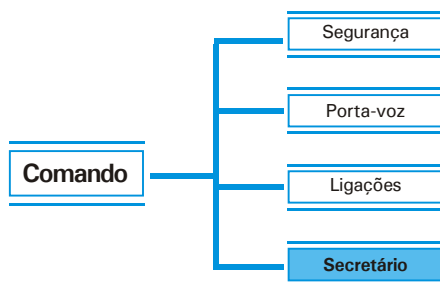
- ▲ obter as informações sobre a situação crítica e o SCO;
- ▲ estabelecer um local para a divulgação de informações;
- ▲ preparar um informe inicial sobre a situação crítica assim que possível;
- ▲ estabelecer um contato regular com a mídia para a divulgação de informações;
- ▲ observar as restrições para a divulgação de informações estabelecidas pelo Comando;
- ▲ obter a aprovação para os informes antes de serem divulgados;
- ▲ organizar coletivas e intermediar o contato do Comando com integrantes da mídia;
- ▲ controlar o acesso de integrantes da mídia à área de operações.

Secretário

A função do Secretário é apoiar diretamente as tarefas administrativas do Comando, organizando o Posto de Comando, preparando reuniões, registrando as decisões e outras atividades necessárias.

Suas principais atribuições são:

- ▲ obter as informações sobre a situação crítica e o SCO;
- ▲ organizar o Posto de Comando;



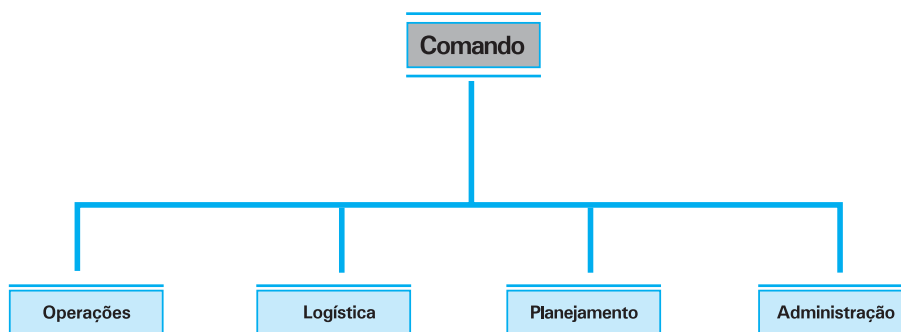
- ▲ preparar reuniões;
- ▲ registrar as decisões em reunião;
- ▲ resolver problemas relativos ao funcionamento e operacionalidade do Posto de Comando.

Assim como a função Comando possui um staff formado por Coordenador de Segurança, Coordenador de Ligações, Porta-voz e Secretário, as demais funções constituem o Staff Principal.

Vejamos a seguir cada um dos componentes do Staff Principal.

Staff PRINCIPAL

O Staff Principal é constituído, basicamente, por Coordenador de Operações, Coordenador de Planejamento, Coordenador de Logística e Coordenador de Administração.



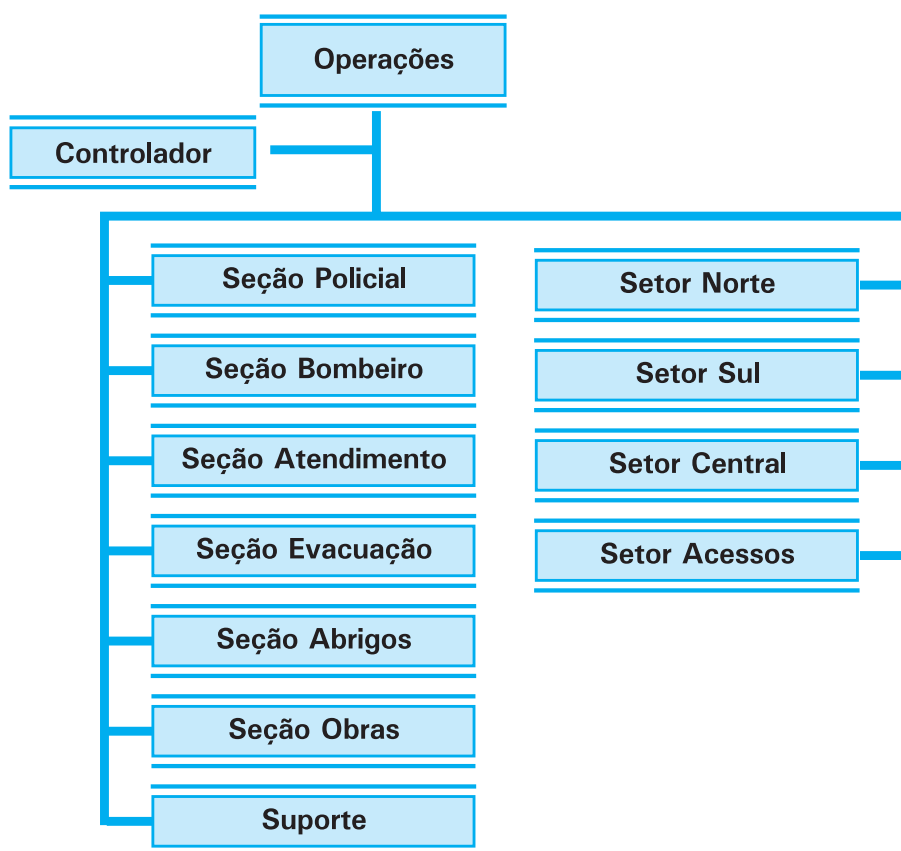
Coordenador de Operações

O Coordenador de Operações, membro do Staff Principal, é o responsável pela execução do Plano de Ação. O Coordenador de Operações ativa e supervisiona os elementos operacionais de acordo com o Plano de Ação, e dirige a sua execução. Ele ainda supervisiona a preparação de planos operacionais pelas seções ou setores, podendo solicitar ou dispensar recursos com a Área de Reunião.

Suas principais atribuições são:

- ▲ obter as informações sobre a situação crítica e o SCO;
- ▲ participar da elaboração do Plano de Ação;
- ▲ informar e orientar o pessoal operacional de acordo com o Plano de Ação;
- ▲ supervisionar as operações;
- ▲ determinar a necessidade de recursos adicionais e os solicitar à Área de Reunião;
- ▲ determinar a dispensa de recursos em operação, encaminhando-os à Área de Reunião;
- ▲ organizar os recursos disponíveis em seções e setores;
- ▲ manter o Comando informado sobre atividades especiais, eventos e ocorrências.

O Coordenador de Operações, como responsável pelo cumprimento do Plano de Ação, é quem tem maior flexibilidade de implantação de posições. Isso porque essa organização deve atender a situações críticas tão diversas como acidentes com produtos perigosos, rebelião em presídios, vendavais, enchentes, explosão em uma fábrica ou a queda de uma linha de energia importante. Conseqüentemente, poderá ter seções diferentes como combate a incêndio, atendimento pré-hospitalar, grupo de choque, equipes de reconstrução de telhados, equipes de vacinação ou engenheiros. Exatamente por isso o planejamento prévio delineará as posições necessárias, além das previstas no SCO, descrevendo as suas atribuições.



Controlador

O controlador é responsável pela Área de Reunião, onde os recursos vão se apresentar ao chegar à operação, farão o *check-in* para se integrar ao sistema e aguardarão até receber a atribuição de uma tarefa por parte do Coordenador de Operações.

Suas principais atribuições são:

- ▲ obter as informações sobre a situação crítica e o SCO com o Coordenador de Operações;
- ▲ sinalizar a Área de Reunião;
- ▲ executar o *check in* dos recursos que chegam à operação, obtendo as informações necessárias e repassando informações sobre a situação crítica;
- ▲ orientar os recursos sem treinamento em SCO com as informações fundamentais para a integração ao sistema;

- ▲ monitorar o status dos recursos, registrando as informações e as repassando periodicamente ao Coordenador de Operações;
- ▲ atender às solicitações de recursos, designando os recursos disponíveis;
- ▲ montar forças-tarefa combinando recursos conforme a solicitação do Coordenador de Operações.

Coordenador de seção operacional

As seções operacionais reúnem recursos usando como critério a afinidade de atividades ou de objetivos, sendo ativadas pelo Coordenador de Operações, de acordo com o Plano de Ação, para manter o nível de controle adequado.

Embora diferentes seções operacionais tenham aspectos peculiares de acordo com a atividade, há algumas atribuições comuns a todas:

- ▲ obter as informações sobre a situação crítica e o SCO com o Coordenador de Operações;
- ▲ participar de reuniões de planejamento quando solicitadas pelo Coordenador de Operações;
- ▲ rever os objetivos designados para a sua seção e desenvolver com os integrantes de sua seção alternativas para a coordenação das ações;
- ▲ determinar tarefas específicas para os recursos que integram a sua seção;
- ▲ resolver problemas logísticos relatados pelos recursos que integram sua seção;
- ▲ manter o Coordenador de Operações informado sobre modificações importantes na execução do Plano de Ação, necessidade de recursos adicionais, possibilidade de liberar recursos, situações de perigo ou outros eventos significativos.

Coordenador de setor operacional

Os setores operacionais reúnem recursos usando como critério a divisão geográfica, sendo ativadas pelo Coordenador de Operações, de acordo com o Plano de Ação, para manter o nível de controle adequado.

Embora diferentes setores operacionais tenham aspectos peculiares de acordo com a atividade, há algumas atribuições comuns a todos:

- ▲ obter as informações sobre a situação crítica e o SCO com o Coordenador de Operações;
- ▲ participar de reuniões de planejamento quando solicitadas pelo Coordenador de Operações;
- ▲ rever os objetivos designados para a sua seção e desenvolver com os integrantes de sua seção alternativas para a coordenação das ações;
- ▲ determinar tarefas específicas para os recursos que integram o seu setor;
- ▲ resolver problemas logísticos relatados pelos recursos que integram seu setor;
- ▲ manter o Coordenador de Operações informado sobre modificações importantes na execução do Plano de Ação, necessidade de recursos adicionais, possibilidade de liberar recursos, situações de perigo ou outros eventos significativos.

*Seção e setor operacional podem ter nomes semelhantes, mas possuem atribuições específicas. Quando os recursos são organizados de acordo com a função ou órgão, dizemos que são **seções**. Quando são organizados por áreas geográficas, dizemos que são **setores**.*

Outras seções operacionais

O Coordenador de Operações pode ativar seções operacionais para atender às necessidades específicas da operação. Embora o padrão possa ser alterado por Planos de Contingência específicos para determinadas situações, as seções normalmente disponíveis são:

- ▲ Seção operacional de polícia;
- ▲ Seção operacional de bombeiro;
- ▲ Seção operacional de atendimento às vítimas;
- ▲ Seção operacional de evacuação;

- ▲ Seção operacional de abrigos;
- ▲ Seção operacional de obras emergenciais.

Coordenador de Planejamento

O Coordenador de Planejamento, membro do *Staff* Principal, é responsável pela reunião, avaliação, disseminação, registro e uso das informações sobre o desenvolvimento da situação crítica e o status dos recursos. Com base nisso, o Coordenador de Planejamento deve ser capaz de compreender a situação, identificar como a situação evoluirá e auxiliar na elaboração do Plano de Ação.

As principais atribuições do Coordenador de Planejamento são:

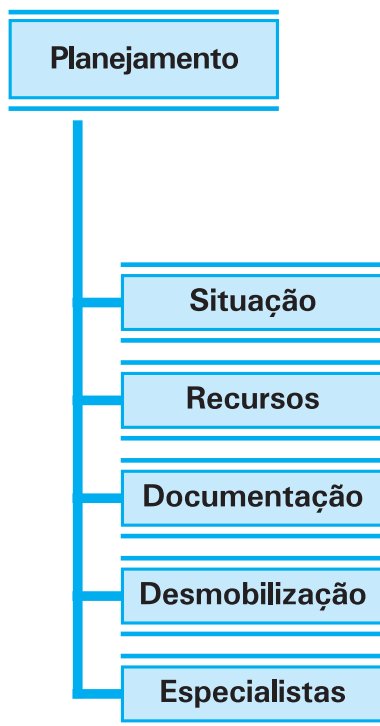
- ▲ obter as informações sobre a situação crítica e o SCO;
- ▲ reunir, registrar, avaliar e disseminar as informações;
- ▲ auxiliar o Comando na elaboração, acompanhamento e alteração do Plano de Ação;
- ▲ elaborar relatórios informando a situação e suas tendências;
- ▲ monitorar o conjunto de recursos na cena, incluindo aqueles que estão em operação na Área de Reunião e nas Bases;
- ▲ documentar o evento, produzindo os expedientes necessários;
- ▲ planejar e implementar a desmobilização dos recursos;
- ▲ coordenar a ação de especialistas e colaboradores;
- ▲ ativar e supervisionar as seções necessárias.

A Coordenação de Planejamento pode ter as seguintes seções:

Situação – acompanha a evolução do evento, analisando o seu desenvolvimento;

Recursos – documenta e monitora os recursos envolvidos na operação;

Documentação – registra e protege todos os documentos relevantes para o evento e a operação;



Desmobilização – determina os procedimentos para a desmobilização dos recursos empenhados na operação de forma gradual, ordenada e segura;

Especialistas – reúne especialistas necessários para o acompanhar os aspectos específicos do evento e atender a necessidades especiais de planejamento.

Coordenador de Logística

O Coordenador de Logística, membro do *Staff* Principal, é responsável pelo fornecimento de instalações, serviços e materiais para o suporte às operações. O Coordenador de Logística participa no desenvolvimento e implementação do Plano de Ação.

Suas principais atribuições são:

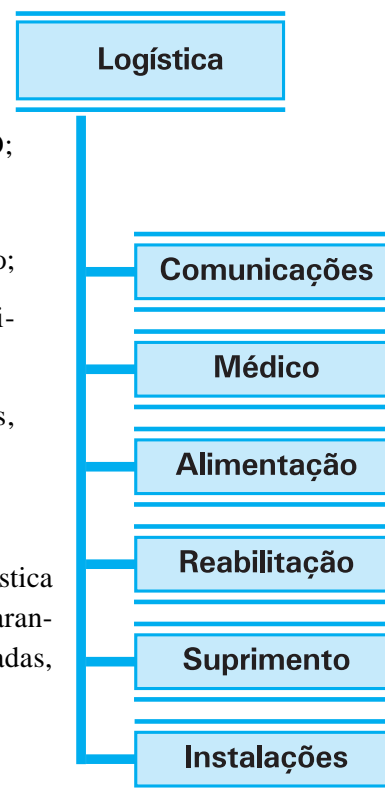
- ▲ obter as informações sobre a situação crítica e o SCO;
- ▲ planejar a organização da logística;
- ▲ gerenciar os serviços, materiais e instalações da operação;
- ▲ supervisionar as funções de serviço médico, comunicações e alimentação;
- ▲ supervisionar as funções relacionadas a suprimentos, instalações e suporte;
- ▲ manter o Comando informado.

Seguindo a lógica de expansão do SCO, o Coordenador de Logística deve delegar suas atribuições, ativando as seções necessárias para garantir o nível de controle adequado das atividades a serem desempenhadas, enquanto mantém a linha de coordenação clara e definida.

As principais seções a serem ativadas são:

Comunicação – fornece e controla os meios de comunicação eletrônica na operação, integrando a comunicação dos diversos órgãos, agências e jurisdições envolvidos. Coordena as redes de comunicação;

Médico – faz o acompanhamento preventivo das condições de saúde, bem como o atendimento do pessoal envolvido na operação;



Alimentação – providencia o fornecimento de alimentação para o pessoal envolvido na operação;

Suprimentos – fornece os materiais necessários para que os recursos permaneçam em condição operacional, incluindo combustível, peças, reposição de itens, etc.;

Instalações – organiza e coordena instalações (Posto de Comando, Área de Reunião e Bases) para o pessoal e equipamentos empregados na operação.

Coordenador de Administração

O Coordenador de Administração é responsável por todos os aspectos relacionados a compra, locação, contratação e pagamento de materiais e serviços, além de controlar o emprego dos recursos humanos para efeito de hora extra.

Suas principais atribuições são:

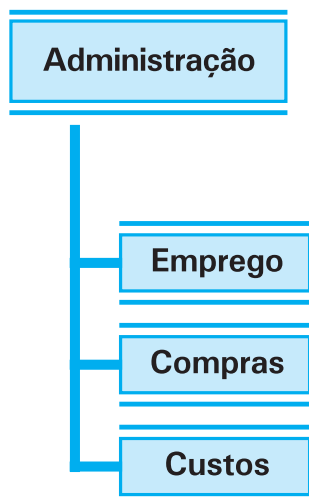
- ▲ obter as informações sobre a situação crítica e o SCO;
- ▲ realizar compra, locação, contratação e pagamento de materiais e serviços;
- ▲ controlar e registrar os custos da operação;
- ▲ ativar e supervisionar as seções de emprego de pessoas, de compras e pagamentos e de custo, conforme a necessidade.

A Coordenação de Administração pode ter as seguintes seções:

Emprego – controla as horas de trabalho do pessoal empregado na operação para fins de pagamento, hora extra e adicional noturno, além de diárias no caso de deslocamento;

Compras – realiza os procedimentos legais e operacionais para a compra de bens e serviços, seja para o pessoal empregado na operação, seja para a população afetada pelo evento;

Custos – controla os gastos com a operação, a fim de determinar o custo da mesma e identificar a necessidade de recursos financeiros adicionais.



RESUMO

Nesta unidade você estudou que:

- ▲ o Sistema de Comando em Operações se expande e se contrai de acordo com o tamanho e a complexidade da situação, seguindo um organograma previamente delineado em que as posições são ativadas de acordo com a necessidade de delegar atribuições;
- ▲ o Comando da operação deve ser assumido pela pessoa de maior nível de autoridade da primeira unidade na situação, podendo ser único ou unificado, e é responsável pelas operações como um todo, incluindo o desenvolvimento e a implementação do Plano de Ação e a requisição e liberação de recursos;
- ▲ o *Staff* Principal atende às funções básicas do Sistema de Comando em Operações – Operações, Planejamento, Logística e Administração – e seus coordenadores também podem desdobrar suas responsabilidades ativando posições do organograma:
 - **Operações** – controlador; seções operacionais; setores operacionais;
 - **Planejamento** – seção de situação; seção de recursos; seção de documentação; seção de desmobilização; seção de especialistas;
 - **Logística** – seção de comunicação; seção médica; seção de alimentação; seção de suprimentos; seção de instalações;
 - **Administração** – seção de emprego; seção de compras; seção de custos.
- ▲ o *Staff* do Comando atende às funções de apoio ao Comando, que são:
 - Coordenador de Segurança;
 - Coordenador de Ligações;
 - Porta-voz;
 - Secretário.

Atividade de auto-avaliação

Exercício 1

Pela manhã, ao chegar a sua sala, o coordenador de defesa civil do município encontra um documento solicitando uma vistoria em um prédio residencial no centro da cidade, pois, segundo denúncias, o mesmo apresentava rachaduras importantes.

Acompanhado de um engenheiro e um bombeiro ele se dirige para o local, um prédio com 10 andares e 50 apartamentos, onde constata que a situação é muito grave e o risco de desmoronamento do prédio é iminente.

Imediatamente, constata com o bombeiro e o engenheiro que estão diante de uma situação crítica, e decidem instalar o SCO. O coordenador e o bombeiro assumem o Comando de forma unificada, representando a Defesa Civil e o Corpo de Bombeiros. Em seguida, posicionam a viatura dos bombeiros em uma esquina próxima, em local seguro, identificando-a como Posto de Comando. Solicitam, ainda, ao motorista do veículo da Defesa Civil que se desloque para o pátio de um shopping que ainda não abriu e passe a controlar os recursos a caminho, que serão reunidos naquele local. Chamando o segundo bombeiro mais graduado, solicitam que ele aguarde no Posto de Comando, pois, assim que um Plano de Ação esteja elaborado, ele coordenará a sua execução. Finalmente, pedem ao engenheiro que inicie os contatos com vários órgãos que podem ser necessários no local.

Utilizando os conceitos estudados na unidade 2, desenhe o organograma da estrutura do SCO nesse momento, identificando quem ficou responsável por cada função.

Uma vez que a estrutura do SCO está montada, com o Posto de Comando e a Área de Reunião designados e operando, as informações começam a chegar ao Comando, fornecendo elementos para um primeiro Plano de Ação. Nos próximos 15 minutos a prioridade é salvar vidas, e o objetivo, evitar que mais pessoas fiquem em situação de risco. Por isso as tarefas são de isolar a área, desviando o trânsito de pedestres no raio de uma quadra a partir do prédio, e ao mesmo tempo evacuar as edificações adjacentes de forma ordenada. O comando unificado incorpora o comandante da polícia local, e o bombeiro transfere sua posição para o comandante dos bombeiros na cidade, assim que ambos chegam ao Posto de Comando.

Já com vários recursos operacionais na Área de Reunião, o Coordenador de Operações decide reunir os seus recursos em três grandes grupos: um responsável pelo isolamento da área e desvio do trânsito, composto por policiais, fiscais da prefeitura e representantes do sistema de transporte público; outro responsável pela evacuação da área adjacente ao prédio, composto por policiais e funcionários de diversos setores da prefeitura que foram convocados em suas repartições; um terceiro responsável pelo resgate e atendimento de possíveis vítimas se o prédio desmoronar durante a operação, composto por bombeiros resgatistas, bombeiros socorristas, bombeiros de combate a incêndios e um grupo de médicos e enfermeiros do hospital local, que compareceram voluntariamente.

Usando como base o organograma anterior, desenhe o novo organograma representando a expansão do SCO.

No Posto de Comando, o assessor de imprensa da prefeitura é designado para manter contato com a mídia, que já está no local. O Comando também decide formar um núcleo de planejamento, com as seguintes atribuições: monitorar a situação, inclusive a evolução das fissuras no prédio, e reunir especialistas para elaborar uma proposta de Plano de Ação a ser apresentada na próxima reunião.

Usando como base o organograma anterior, desenhe o novo organograma representando a expansão do SCO.

Na sua opinião, a estrutura está compatível com a complexidade da situação? Há alguma expansão do SCO que na sua opinião deveria ser feita para garantir uma melhor operacionalização das ações necessárias?

Áreas de Trabalho e Instalações em um SCO

u n i d a d e

4

Nesta unidade você vai...



- Descrever os aspectos relacionados à instalação do Posto de Comando.
- Descrever o funcionamento da Área de Reunião.
- Descrever os aspectos relacionados às Bases de Apoio.
- Diferenciar as características das Áreas de Trabalho Quente, Morna e Fria.

Organizando seu estudo



Você não aprenderá eficientemente, a menos que se torne interessado pelo assunto de alguma maneira. Identifique no conteúdo quais os pontos que mais lhe interessam e o que mais tem relação com sua atividade profissional.

Depois de uma noite chuvosa, a comunidade desperta com um estrondo seguido de gritos. Acontecera o que muitos temiam: uma grande massa de terra deslizara morro abaixo arrastando em seu caminho algumas das precárias moradias que caracterizavam aquele agrupamento de pouco mais de 50 famílias conhecido como Morro da Paz. A primeira unidade de emergência a chegar ao local, uma viatura policial, pôde visualizar um quadro assustador. Umas cem pessoas no sopé do morro, na maioria crianças, idosos e algumas mulheres, molhadas e assustadas, forneciam informações desencontradas. À distância, podia-se avistar na escuridão vultos perambulando sobre toneladas de terra que formavam um monte bem no meio da comunidade. Ainda eram visíveis, aflorando da massa úmida, barrenta e instável, restos de madeira, móveis e esquadrias, revelando o caminho de destruição morro abaixo.

INSTALAÇÕES EM OPERAÇÕES DE SITUAÇÕES CRÍTICAS

Uma parte importante da organização do espaço físico em uma situação crítica é a implantação de determinadas instalações, padronizadas pelo SCO. Porém, antes que você continue, é preciso destacar que o termo “instalação” não significa uma edificação ou construção. Como você verá, em muitos casos o Posto de Comando será apenas um local no terreno, identificado por uma placa ou mesmo um ponto de referência.

Posto de Comando

O Posto de Comando deve ser instalado **todas** às vezes em que for utilizado o SCO, independentemente do tamanho e da complexidade da situação crítica. É claro que o tamanho e a complexidade dele será adequado às operações desenvolvidas, mas ele sempre será necessário.

A videoaula irá ajudá-lo a verificar como se dá a instalação do Posto de Comando.

O Comando pode ser único, quando assumido por uma única pessoa, ou unificado, quando os representantes de vários órgãos assumem a função de Comando.

Por exemplo, em uma situação policial, como um assalto, o cuidado deve direcionar-se à proteção contra tiros. Em algumas situações de atuação dos bombeiros, como incêndios e acidentes com produtos perigosos, deve-se ficar atento à direção do vento. Em um desastre relacionado a alagamentos ou enchentes, o Posto de Comando não poderá ser alcançado pelas águas.

O Posto de Comando é o local onde o Comando desenvolve as suas atividades de coordenar as ações na situação crítica. Pode ser um prédio, uma sala, uma barraca, um veículo ou simplesmente um local definido no terreno.

O importante é que você perceba que o Posto de Comando está ligado a uma referência do Comando. Quando as pessoas envolvidas na operação precisarem do Comando, elas saberão onde encontrá-lo se um Posto de Comando for estabelecido no local da situação crítica. O local definido deve ser seguro e conhecido.

Outra questão importante é aceitar que, em princípio, haverá um único Posto de Comando para cada situação crítica, mesmo que o Comando seja unificado e haja vários órgãos envolvidos. Isso até pode parecer lógico para você, pois parece correto que será muito difícil coordenar uma ação realmente integrada se as informações e orientações não tiverem um ponto em comum. Mas na prática as organizações envolvidas resistem em “abrir mão” de seus próprios Postos de Comando, fragmentando as ações de coordenação e aumentando a complexidade e confusão das situações críticas.

Quando instalar o Posto de Comando

Instalar o Posto de Comando deve ser uma das primeiras ações a serem feitas quando se decide colocar o SCO em prática. Quando ele é ativado, desde o princípio da operação, toda a estrutura montada trabalhará tendo o Posto de Comando como referência, e será natural levar até ele informações e também lá buscar orientações.

Se instalarmos o Posto de Comando em uma etapa avançada da situação crítica, haverá uma dificuldade adicional em divulgar sua localização e obter a sua funcionalidade, pois as pessoas envolvidas normalmente já encontraram outros locais de referência, provavelmente dispersos e inadequados.

Como escolher o local para o Posto de Comando

O local escolhido para o Posto de Comando deve atender a alguns requisitos para que ele realmente funcione como deveria.

- ▲ Deve estar em um local seguro. Dependendo da situação crítica relacionada às operações, diferentes preocupações devem ser atendidas.

- ▲ O local escolhido também deve permitir, quando for possível, a visualização da situação crítica, mas sem estar exposto ao barulho e à confusão da operação.
- ▲ Deve ainda ser de fácil localização e acesso. Nas situações mais localizadas, ou seja, restritas a um espaço físico limitado, ele pode ser identificado por uma bandeira ou placa, para permitir que os envolvidos o localizem de imediato.
- ▲ Deve estar abrigado dos elementos naturais, propiciando um local onde se possa fazer reuniões e expor placas e folhas de papel com informações de controle da situação. É claro que isso nem sempre é possível. Nos primeiros momentos, alguns recursos como o uso de barracas, toldos e viaturas especiais (*trailer* ou *motor-home*) podem auxiliar a proteger o Posto de Comando em situações onde ele estará na cena das operações.
- ▲ Deve permitir a sua expansão física (ocupar mais espaço) caso a estrutura de comando aumente.

Em alguns órgãos que respondem a emergências e situações críticas há uma prática interessante: utilizar um cone de trânsito sobre o teto da viatura para indicar que ela está servindo de Posto de Comando.

Idéias para o Posto de Comando

Quando pensamos em um Posto de Comando para uma operação em situações críticas, as primeiras idéias sobre o assunto estão ligadas aos filmes de aventura: veículos especiais (trailer ou motor-home) com computadores, telefones, faxes e muitos tipos de alta tecnologia. Ou então salas gigantescas, com muitos mapas e pessoas, além de luzes piscando em aparelhos não identificados, demonstrando a presença de equipamentos caros e sofisticados.

Na verdade essa realidade seria desejável, mas não é tão essencial assim.

O Posto de Comando no campo, isto é, na cena da situação crítica, pode ser instalado no próprio capô dianteiro de um veículo de passeio. Um cone sobre o veículo ou uma bandeirola com base magnética pode indicar o Posto de Comando. Pequenos imãs ajudam a prender mapas, croquis e folhas de controle sobre a superfície metálica do capô, e o rádio da viatura fornece a comunicação.

Barracas, tendas ou toldos também podem ser uma solução prática e de baixo custo para a expansão de Postos de Comando no próprio local da operação, protegendo-os de chuva e vento.

O uso de veículos especiais, como vans e ônibus adaptados como Posto de Comando, também é indicado, pois obviamente permite uma estrutura semelhante à de uma instalação permanente, com computadores, equipamentos de comunicação, mesas, locais para reunião e outras facilidades.

Finalmente, mesmo no local da operação, uma edificação como uma garagem, uma sala, um galpão, um posto policial ou uma residência pode ser adaptada para receber um Posto de Comando.

Para outras situações, em que não seria aconselhável ou viável um Posto de Comando situado no próprio local das operações, uma ou mais salas de uma repartição pública podem ser utilizadas. A prefeitura pode ser um bom lugar pela sua proximidade com outros serviços de apoio (computadores, telefones, arquivos, digitadores, café, etc.). As centrais de operações que coordenam o atendimento através do número 190 (polícia) ou do 193 (bombeiro) também podem ser úteis. Nesses casos, uma sala de bom tamanho, com uma mesa de reunião, alguns telefones, um computador conectado à internet e quadros de anotações fixados na parede, pode funcionar como um bom Posto de Comando. Seria bom que esse local tivesse, ainda, uma sala de reunião em separado e instalações para que o Comando pudesse dormir, no caso de situações mais longas. Além disso, a instalação de dispositivos de segurança para o fornecimento de energia garantirá o funcionamento de iluminação, computadores e centrais telefônicas.

Um recurso que dá funcionalidade ao Posto de Comando é a exposição de dados reunidos sobre a situação e a operação em quadros, fixados na parede ou em cavaletes, permitindo uma rápida consulta por todos, principalmente pelo Comando. Nesses casos, um bom padrão seria um quadro para a evolução da situação incluindo um croqui ou mapa. Um para o controle de recursos e outro para o Plano de Ação em vigor.

*Então, não esqueça: o Posto de Comando deve ser instalado **todas** às vezes em que for utilizado o SCO, independentemente do tamanho e da complexidade da situação crítica. Haverá um único Posto de Comando para cada situação crítica, mesmo que o Comando seja unificado e haja vários órgãos envolvidos. Esse é um dos princípios básicos do SCO.*

Área de Reunião

A Área de Reunião é também um aspecto fundamental para o funcionamento do SCO.

A Área de Reunião é um local, delimitado e identificado, para se dirigir os recursos operacionais que se integrarem ao SCO. Na Área de Reunião é realizado um procedimento de recepção (*check in*) em que os recursos são cadastrados no SCO. Eles recebem informações básicas sobre o SCO (no caso de não possuírem treinamento) e sobre a situação. Caso os recursos não sejam necessários imediatamente, eles permanecem em condições de pronto emprego, aguardando o seu acionamento. Por isso, algumas instruções adicionais são fornecidas: não se afastar da viatura, não se ausentar da Área de Reunião, permanecer escutando o rádio, não obstruir a passagem de outros veículos.

Quando o seu emprego imediato é necessário, ele apenas é cadastrado e recebe as informações necessárias, deslocando imediatamente. Excepcionalmente, principalmente nos primeiros momentos da operação, os recursos operacionais podem se deslocar direto para o local onde é necessário, fazendo o *check in* pelo rádio.

Quando a Área de Reunião deve ser ativada

Ao perceber que muitos recursos operacionais serão reunidos durante a operação na situação crítica, o SCO deve se preocupar em designar alguém para instalar a Área de Reunião. A experiência mostra que é muito mais difícil cadastrar os recursos operacionais que estão no local da operação depois que eles já estão espalhados e atuando. Da mesma forma, se não houver uma orientação inicial sobre locais de estacionamento, procedimentos de espera e informações sobre a situação e o SCO, as equipes iniciam as suas ações de forma individual e pouco coordenada, ameaçando a própria segurança da operação e seus envolvidos. Se você já participou de uma operação assim ou presenciou uma situação dessa natureza, deve ter algumas experiências desagradáveis para contar: viaturas de emergência trancadas por outros veículos que chegaram depois ao local, sem possibilidade de deslocamento; viaturas trancadas e sem chaves, com sua guarnição em local desconhecido; ou Comando que simplesmente não consegue descobrir quem, afinal, está participando da operação.

Os recursos operacionais podem ser pessoas, equipes ou unidades.

Essa opção pode ser visualizada na videoaula do Curso. Você já assistiu?

Como escolher o local da Área de Reunião

Depois da rapidez quanto à instalação, a localização correta é outro aspecto muito importante para que a Área de Reunião funcione.

Ela tem de atender alguns requisitos.

- ▲ Deve ser em local seguro, levando em conta aspectos muito parecidos com aqueles que você já estudou para a instalação do Posto de Comando.
- ▲ O tamanho deve ser adequado à quantidade e ao tipo de recursos operacionais que serão recepcionados. A manobra de veículos e máquinas pesadas em locais restritos pode ser perigosa e retardar o emprego do recurso operacional.
- ▲ O piso também deve ser adequado ao tamanho e ao tipo de recursos operacionais.
- ▲ Deve ter apenas uma entrada e uma saída, facilitando a criação de um fluxo seguro dos veículos.

Principalmente, sempre que possível, você deve se esforçar para que a Área de Reunião seja o caminho natural de chegada às operações. Ela deve estar posicionada de tal forma que, mesmo uma equipe que chega ao local sem conhecer nada sobre o SCO, “caia” dentro da Área de Reunião e seja abordada pelo controlador ou alguém por ele indicado para o procedimento de recepção (*check in*). Isso evitará a invasão da operação por equipes desgarradas do SCO, desarticuladas do objetivo da operação e das estratégias adotadas.

Então, onde instalar essas Áreas de Reunião?

Depende de cada situação. É a única resposta possível. Ela pode ser instalada em um campo de futebol, no estacionamento de um shopping center, no pátio de uma fábrica ou mesmo ao longo de uma rua.

Quem controla os recursos operacionais na Área de Reunião?

Como você deve estar imaginando, uma grande dificuldade no SCO é o compartilhamento de recursos. A Área de Reunião posiciona

os recursos em um mesmo local e os integra ao sistema, permitindo o emprego de todos de forma articulada.

Em situações menores, o controlador pode realizar todos os procedimentos: ele cadastra os recursos que chegam e os orienta; recebe as solicitações, avisa as equipes e as despacha para o local solicitado; mantém o registro escrito dessas movimentações informando ao Comando.

Em situações críticas maiores, ele delegará essas atividades, podendo ainda agrupar os recursos na Área de Reunião de acordo com o órgão de procedência e designando um responsável.

Na prática, isso auxilia na qualidade da comunicação entre o controlador e os recursos. No exemplo citado nesta unidade – uma situação crítica provocada por um deslizamento – a Área de Reunião poderia estar com muitos representantes de diversas organizações: várias equipes de bombeiro, algumas equipes da companhia de energia elétrica, talvez um contingente do Exército para auxiliar nas escavações, alguns operadores de máquina da prefeitura e turmas de manutenção da secretaria de obras.

Ao receber do Coordenador de Operações a solicitação de uma unidade de resgate na Área Quente, o controlador pode adotar dois procedimentos: 1) ele pessoalmente acionar a unidade de resgate, repassando as informações, despachando para o local solicitado e registrando a movimentação em seu controle; ou 2) chamar um bombeiro previamente indicado e solicitar uma unidade de resgate. Este escolhe a unidade adequada e a encaminha ao controlador, que então repassa a ela as informações, despachando-a para o local solicitado e registrando a movimentação em seu controle.

A Área de Reunião em eventos maiores

Em eventos maiores, em que a ação pode se espalhar por toda uma cidade ou vários bairros, podemos ter um procedimento diferenciado, porém a idéia é a mesma. Nesses casos, o procedimento de recepção, ou *check in*, pode ser realizado por meio de comunicação, e os recursos permanecerem descentralizados, agrupados em seus próprios órgãos ou em locais estratégicos. O órgão, ao ser acionado, reúne seus recursos operacionais em um local estabelecido e entra em contato com o controlador, que repassa as informações, cadastra o recurso no sistema e estabelece o procedimento de acionamento.

Nome dado à função da pessoa que é encarregada pela Área de Reunião.

Se você não se lembra do exemplo utilizado, volte ao início da unidade e releia a história.

Percebendo a gravidade da situação, o policial se reúne com o bombeiro mais graduado da guarnição de resgate que acabara de chegar e tomam algumas decisões: um SCO deveria ser instalado e os dois estabeleceriam um comando unificado até que pessoas mais graduadas chegassem ao local. Após tomar essas medidas, o Comando posicionou a sua viatura fora da área de risco, de frente para a situação crítica e colocou um cone refletivo sobre a viatura, estabelecendo o Posto de Comando. Ao mesmo tempo, entregou uma prancheta ao auxiliar e determinou que ele se deslocasse para o pátio de uma escola, na margem da rua de acesso ao local das operações, distantes uns 100 metros. Lá seu auxiliar passou a desviar os recursos operacionais para o pátio do colégio, posicionando as viaturas de forma ordenada, informando aos policiais, bombeiros, operários, enfermeiros e engenheiros que chegavam como estava a situação. Em seguida registrava os recursos operacionais disponíveis em sua prancheta e informava ao Comando por meio do rádio. Na medida em que o plano surgia no Posto de Comando as solicitações chegavam ao controlador, que despachava com agilidade e ordem. Estava estabelecida a Área de Reunião.

Base de Apoio

Como o nome indica, a Base de Apoio é uma instalação destinada a sediar as atividades de apoio nas situações mais longas ou complexas. Na base diversas atividades podem ser desenvolvidas: manutenção de viaturas e equipamentos, reposição de materiais, abastecimento de veículos e ferramentas, entre outras. Na base também podem ser disponibilizados serviços voltados para as pessoas envolvidas na operação: alojamento, refeitório, banho, atendimento médico, psicológico ou religioso.

Quando as bases devem ser ativadas?

A sua experiência e bom senso já deve ter indicado que apenas em alguns casos será necessário ativar Bases de Apoio. Isso acontece-

rá quando as situações forem mais prolongadas, com a necessidade de revezamento de equipes em vários turnos e a impossibilidade de dispensá-las a cada final de turno. Ou ainda quando há equipes de outras localidades que precisam ser alojadas nos momentos em que não estão sendo empregadas. Outra situação em que é necessária a ativação de Bases de Apoio é quando o uso dos materiais supera a capacidade logística dos próprios recursos operacionais.

Pense bem: quando uma equipe de vacinação vai para uma situação crítica, costuma ter os meios para atuar, como veículo, combustível, alimentação e uma certa quantidade de vacinas. Mas se a operação se prolongar, ela poderá precisar de um local seguro para abastecer seu veículo, receber alimentação e estocar quantidades maiores de vacinas.

Onde instalar as Bases de Apoio

É claro que o local de instalação das Bases de Apoio será limitado pelas condições de segurança, acesso, espaço e adaptabilidade do local.

Elas até podem ser instaladas em barracas, formando grandes acampamentos, quando o local da operação é distante e de difícil acesso (essa modalidade de Base de Apoio é bastante usada em incêndios florestais). Mas, em ambientes urbanos, edifícios públicos podem se constituir em excelentes bases, tais como colégios, ginásios e quartéis.

O mais importante é que a instalação da Base de Apoio como parte do SCO potencializa o uso dos materiais, equipamentos e pessoal, mas só deve ser usada quando o evento realmente exigir, e desativada assim que se torne desnecessária. Lembre-se de que uma das vantagens do SCO é incorporar esse conceito de estrutura modular e flexível.

ÁREAS DE TRABALHO EM SITUAÇÕES CRÍTICAS

Você viu nas unidades anteriores que o SCO prevê a possibilidade de que o Comando organize a área envolvida em uma situação crítica em áreas de trabalho, de acordo com o risco e o tipo de atividades que serão desempenhadas naquele espaço. Essa é uma ferramenta importante para a coordenação das operações, pois organiza o uso da área por parte das equipes, facilita o controle dos recursos operacionais e aumenta a segurança das operações.

A área envolvida na operação de uma situação crítica pode ser classificada de três formas, que determinarão quem pode entrar nessa área, com que medidas de segurança e quais as atividades permitidas.

Área Quente

A Área Quente é determinada no local que sofreu mais intensamente os efeitos do evento que causou a situação crítica. É nessa área que serão desenvolvidas as operações de maior risco e complexidade.

Por exemplo: em uma enchente, a Área Quente é aquela coberta pela água; em um **engavetamento** com múltiplas vítimas, a Área Quente é o local onde estão os veículos e as vítimas.

Engavetamento: é um acidente que envolve vários veículos.

O objetivo de estabelecer uma Área Quente é restringir o acesso de pessoas a ela sem que seja absolutamente necessário para a operação, para permitir que somente pessoas adequadamente treinadas e equipadas, com um objetivo específico a ser alcançado, se exponham aos riscos identificados naquele espaço físico.

Você já deve ter percebido que o estabelecimento de uma Área Quente é muito mais fácil em um evento restrito, onde você pode até mesmo isolar o espaço com fitas. Mas nem sempre isso é possível. Desastres naturais, por exemplo, podem atingir um bairro inteiro, um município ou mesmo vários municípios. Mesmo assim, haverá áreas desses municípios onde o risco para as operações será maior, e essas áreas serão consideradas Áreas Quentes. É claro que, nesses casos, bairros inteiros podem ser considerados Áreas Quentes para as operações. E será, então, impossível “cercar” o bairro com fitas de isolamento, mas pode-se restringir o acesso por meio de bloqueios de estrada, placas de sinalização e meios de informação. Mesmo assim, a área será considerada quente pelos integrantes da operação, que adotarão medidas para diminuir o risco (uso de coletes salvavidas em áreas alagadas e uso de rádio comunicador em áreas perigosas são alguns exemplos).

Área Fria

A Área Fria é aquela que abriga as instalações e recursos que darão suporte às atividades, mas apresenta um pequeno risco relacionado à situação crítica e às operações que serão desenvolvidas. Por isso, na Área Fria as exigências de segurança são menores (adequadas

Mesmo sendo totalmente segura, a Área Fria ainda faz parte da operação.

ao risco, mas não negligenciadas), e a circulação de pessoas que não têm relação com a operação só é restrita nas instalações de apoio (Posto de Comando, Área de Reunião ou Base de Apoio).

Área Morna

A Área Morna é uma área intermediária entre a Área Quente (de maior risco) e a Área Fria (totalmente segura).

Na Área Morna o acesso e a circulação ainda são restritos, mas as condições de risco não são tão altas, propiciando uma área para que os profissionais se equipem, repassem orientações e façam as últimas verificações de segurança antes de adentrar a Área Quente. Por isso, ela é utilizada como ponto de partida para as ações na Área Quente.

Área Quente	➡	maior risco, acesso restrito.
Área Fria	➡	faz parte da operação, mas é totalmente segura.
Área Morna	➡	intermediária entre a Área Quente e a Área Fria, ainda com acesso restrito.

Acessos e Corredores

Além de estabelecer áreas de trabalho, é interessante que o SCO estabeleça os corredores e pontos de acesso às Áreas Quente e Morna. Fazendo isso, ele controlará melhor a presença de recursos operacionais nas áreas mais perigosas da operação e poderá realizar uma vistoria nas pessoas que estão acessando essas áreas para verificar se elas estão com os equipamentos de proteção necessários, têm informações corretas e conhecem as medidas de segurança recomendadas.

Em operações de alto risco, o controle do acesso à Área Quente é muito rigoroso, para que não haja dúvida sobre quem está na área mais perigosa, e há quanto tempo.

Outra medida que pode ser necessária é estabelecer os corredores de acesso. Em alguns casos isso será fundamental para a segurança. Imagine uma situação envolvendo o vazamento de um gás tóxico;

a aproximação contra o vento ou a utilização de um corredor de acesso à emergência onde o gás foi espalhado pelo vento pode ser fatal para equipes que ainda nem chegaram ao local. O corredor de acesso pode viabilizar a circulação de recursos, evitando congestionamento de veículos que podem obstruir vias secundárias e danificar vias não pavimentadas, dificultando o acesso, principalmente os caminhões, pelo seu tamanho.

A situação estava muito perigosa, com as pessoas circulando sobre a massa de terra instável, e por isso resolveram delimitar a área mais crítica e restringir o acesso a essa área às pessoas envolvidas no resgate. Na área adjacente, mais segura, com acesso controlado, seria estabelecida uma área de onde operariam as equipes de emergência. Em uma área externa, totalmente segura, ficariam as equipes de apoio.

RESUMO

Nesta unidade você viu que:

- ▲ em toda operação em que se instala, o SCO deve ter um Posto de Comando, seja ele uma edificação, veículo ou local no terreno, e o Posto de Comando deve ser seguro, para permitir o controle das operações e propiciar a expansão para incorporar colaboradores;
- ▲ em toda operação em que se instala, o SCO deve ter uma Área de Reunião, coordenada por um controlador designado pelo Comando, onde os recursos operacionais são reunidos, cadastrados e orientados;
- ▲ na Área de Reunião os recursos operacionais aguardam em condições de emprego imediato, até serem requisitados pelo controlador conforme as solicitações do Coordenador de Operações, o que pode acontecer imediatamente ou demorar algum tempo;
- ▲ as Bases de Apoio são instaladas na Área Fria, mais segura, para fornecer aos participantes da operação suprimentos, manutenção de equipamentos, local para alimentação e alojamento, mas apenas são necessárias em operações mais longas e complexas;
- ▲ ao instalar o SCO em uma situação de alto risco, o espaço onde as operações são desenvolvidas pode ser dividido em três áreas:
 - Área Quente, onde se desenrolam as atividades de maior risco, e por isso de acesso restrito;
 - Área Morna, onde as equipes que atuarão na Área Quente se preparam, e por isso de acesso controlado;
 - Área Fria, onde as atividades de apoio à operação estão localizadas.

Atividade de auto-avaliação

Exercício 1

Leia novamente a história que foi apresentada na unidade 4 e, com o seu conhecimento sobre as áreas de trabalho e instalações em SCO, responda:

1. Quais os critérios usados pelo Comando para escolher o seu Posto de Comando?
2. Quais as vantagens de utilizar um local como o pátio de um colégio como Área de Reunião?
3. Até esse ponto da operação, teria sido necessário instalar uma Base de Apoio? Você pode justificar sua resposta?
4. Em qual área de trabalho ficariam os moradores na medida em que foram abandonando o local do deslizamento: Área Quente, Morna ou Fria?
5. Se você chegasse nesse momento ao local dessa operação, como recurso operacional, quais seriam as etapas até você se integrar ao Sistema?

Colocando o SCO em Prática

u n i d a d e

5

Nesta unidade você vai...



- Identificar as etapas da operação em uma situação crítica, destacando a importância dos procedimentos operacionais padronizados e dos Planos de Contingência.
- Enumerar as prioridades na coordenação de situações críticas.
- Descrever os passos para a implementação do SCO em situações críticas.
- Descrever os passos para a implementação do SCO em situações críticas de grande porte.

Organizando seu estudo



Antes de prosseguir, volte ao início de cada unidade e verifique se atingiu os objetivos elencados. Caso não os tenha atingido, reveja os materiais didáticos ou entre em contato com seu tutor ou tutora.

Assim que chegou ao local – um bueiro de rua a uns 150 metros de um posto de combustível bem no centro da cidade – o coordenador da Comissão Municipal de Defesa Civil (COMDEC) percebeu que a denúncia tinha fundamento: um forte cheiro de gasolina vinha da galeria pluvial, indicando uma importante infiltração. Imediatamente começam a chegar pelo rádio informações de técnicos que inspecionaram outros pontos, todos confirmando que o quadro era grave num raio de 150 metros ao redor do posto de combustível. Instrumentos de medição baixados à galeria confirmaram a presença de gases inflamáveis em concentrações perigosas. Estava configurada uma situação crítica.

O uso de um sistema predefinido para a coordenação de uma situação crítica traz consigo algumas dificuldades decorrentes da própria dinâmica, complexidade e confusão que há nessas ocasiões, potencializando o risco que normalmente é alto.

Outra dificuldade, entretanto, é tão difícil de superar quanto a primeira: a resistência quanto às mudanças provocadas por essa maneira de coordenar emergências, que no Brasil é relativamente nova, embora já tenha sido testada e aprovada em vários países.

Essa resistência, entretanto, não é totalmente descabida, pois todo esse conjunto de princípios, conceitos e procedimentos só tem valor se puder ser implementado com a rapidez que essas situações exigem, preservando a segurança e potencializando o uso dos recursos. Por isso mesmo, apenas conhecer os princípios não é suficiente para garantir seu funcionamento. É preciso que se utilize uma seqüência de etapas a fim de que o SCO não prejudique a rapidez necessária nesse tipo de situação.

Por isso, algumas questões importantes devem ser consideradas:

FATOR TEMPO

Os primeiros momentos de uma situação crítica podem ser fundamentais para determinar a maneira como ela será resolvida. A demora para tomar uma iniciativa, ou uma ação precipitada, pode agravar a situação e colocar todos sob risco, inclusive aqueles que estão no local para ajudar.

Vítimas politraumatizadas: vítimas com várias lesões.

Hora dourada do trauma: princípio enunciado na década de 70 pela Associação Americana de Cirurgiões. Tal princípio diz que o atendimento definitivo de vítimas politraumatizadas em até uma hora após o trauma reduz em até 60% as mortes evitáveis. Desde então, esse princípio norteia a organização de todas as operações de resgate com vítimas politraumatizadas.

No caso de situações críticas envolvendo **vítimas politraumatizadas**, por exemplo, o princípio da **hora dourada do trauma** afirma que as pessoas envolvidas na operação podem reduzir a chance de uma vítima morrer em até 60% caso ela receba atendimento definitivo em menos de uma hora.

ETAPAS DA COORDENAÇÃO DE SITUAÇÕES CRÍTICAS

Exatamente por isso, por causa do fator tempo, é que a coordenação de situações críticas ocorre em três grandes etapas, aplicáveis a qualquer tipo e tamanho de situação.

- ▲ Etapa de resposta imediata.
- ▲ Etapa do Plano de Ação.
- ▲ Etapa de desmobilização.

É nesta etapa que o SCO deve ser instalado.

Etapa de resposta imediata

Embora possa perfeitamente ser utilizado nas mais diversas situações, mesmo inesperadas e desconhecidas, um planejamento prévio e um roteiro de implementação que unifiquem o SCO com o gerenciamento das situações críticas são essenciais para que ele possa ser implementado com rapidez.

Assim que a situação crítica é constatada, um conjunto de medidas previamente planejado é iniciado, acionando os órgãos para que seus recursos operacionais tomem as primeiras medidas de acordo com Procedimentos Operacionais Padronizados ou Planos de Contingência.

Para a utilização do SCO, o procedimento operacional padronizado deve estabelecer algumas providências.

Obtenção de informações, análise de situações, tomada de decisão e outras habilidades diretamente ligadas ao gerenciamento dessas situações críticas.

Instalar o SCO

Assim que percebe a existência de uma situação crítica, a pessoa de maior nível de autoridade da primeira unidade no local comunica o fato para as demais equipes (usando o rádio ou telefone) e para o nível de autoridade acima dela (pode ser uma central de operações) que está instalando o SCO.

Isso significa que, a partir desse momento, a forma de coordenar a operação deverá seguir os princípios do SCO, favorecendo a articulação de objetivos, recursos e tarefas.

No caso de haver um planejamento prévio para essas situações, o simples fato de instalar o SCO pode desencadear ações previamente decididas, como por exemplo todos os órgãos envolvidos se comunicarem em uma determinada frequência de rádio, ou determinados recursos operacionais serem acionados, ou ainda determinados hospitais serem avisados.

Assumir o Comando

Em seguida, essa pessoa que instalou o SCO assume o comando da operação. Esse comando pode ser único, quando assumido por uma única pessoa, ou unificado, quando os representantes de vários órgãos assumem a função de comando.

Além disso, o comando único, de uma só pessoa, pode ser transformado em comando unificado quando outros órgãos passam a integrar a operação, seguindo a filosofia de flexibilidade do SCO.

Você deve estar se questionando sobre a capacidade da pessoa que chegou primeiro ao local de uma situação crítica para coordenar uma operação que pode vir a envolver recursos e atividades acima de sua autoridade. Lembre-se de que, nesse caso, o comando pode ser transferido para outra pessoa, desde que a transferência ocorra de maneira formal, com a transmissão de todas as informações necessárias.

Designar um Posto de Comando

Logo após informar que assumiu o Comando, a pessoa designa um local para o Posto de Comando que atenda aos requisitos de segurança, visibilidade, acessibilidade e controle sobre a situação.

Designar uma Área de Reunião e um controlador

Tendo designado um Posto de Comando, o Comando designa ainda uma Área de Reunião e um controlador para os recursos a caminho, a fim de que os recursos operacionais sejam controlados desde o início da operação. É claro que esses recursos poderão encontrar três situações:

Na videoaula demonstramos como se estabelece uma Área de Reunião e quais são as atribuições do controlador. Você conseguiu compreender?

- 1) os que já são necessários na cena de operações, principalmente para realizar salvamentos e gerenciar riscos, vão diretamente para o local, fazendo o *check in* por rádio a fim de não retardar o socorro;
- 2) outros, que serão necessários rapidamente, recebem suas atribuições assim que são recepcionados na Área de Reunião;
- 3) finalmente, haverá aqueles recursos operacionais que permanecerão em espera na Área de Reunião, sendo acionados por meio do controlador.

Reunir informações

Com o cenário das operações organizado, o Comando começa a reunir informações para formar um quadro mais completo da situação. Essas informações começam a fluir por meio de testemunhas, vítimas, equipes operacionais ou mesmo pela visualização do próprio comando.

Elaborar o Plano de Ação

Com as informações fluindo para o Posto de Comando, começa a ser elaborado o primeiro Plano de Ação, que determinará como prioridades, objetivos e recursos se articularão por um determinado período de tempo. Esse primeiro Plano de Ação será normalmente simples, verbal e de curto alcance, representando o primeiro esforço para abandonar as respostas mais genéricas, previstas em procedimentos operacionais padronizados e Planos de Contingência, para adotar uma proposta de ação baseada na situação concreta.

Com o primeiro Plano de Ação sendo posto em prática, é finalizada a etapa de resposta inicial.

Assim que constata a gravidade da situação, o coordenador da COMDEC avisa aos demais técnicos que irá utilizar o

SCO para coordenar a situação e que irá assumir o Comando até que outras autoridades cheguem ao local.

Em seguida, determina que o seu veículo seja posicionado em uma área alta, a favor do vento, e com visão sobre a área afetada pela infiltração, colocando sobre ele a bandeirola indicativa de Posto de Comando. Conhecendo o procedimento operacional padronizado para esses casos, o motorista posiciona o veículo, identifica o Posto de Comando, e monta um kit composto de fitas de isolamento, cavaletes com folhas de papel (papel sulfite de 50 cm por 50 cm), canetas, rádios sobressalentes e um mapa da cidade. Enquanto isso, o Comando designa o estacionamento de uma fábrica desativada como área de estacionamento, solicitando que um de seus auxiliares passem a fazer o check in dos recursos operacionais a caminho. Antes que ele saia, faz uma ressalva: assim que os comandantes da polícia e dos bombeiros chegarem, devem ser encaminhados ao Posto de Comando para integrarem o comando unificado.

Já no Posto de Comando, juntamente com os comandantes da polícia e dos bombeiros, as informações começam a fluir e um Plano de Ação é montado para os próximos 30 minutos.

Etapa do Plano de Ação

Quando as informações começam a fluir, um Plano de Ação específico para aquela situação é implementado.

Esse Plano de Ação deverá estabelecer prioridades e objetivos para serem alcançados em um determinado período de tempo, designando recursos e tarefas para que isso ocorra. Entretanto, é importante você lembrar que os recursos operacionais não ficam parados aguardando o primeiro Plano de Ação ser elaborado. Em situações críticas, cada um dos órgãos coloca em prática procedimentos operacionais padronizados antes de haver um plano comum. Esses procedimentos privilegiam a organização dos recursos, o salvamento de pessoas e a contenção da situação crítica.

Com base no Plano de Ação, o Comando acompanha as operações e, quando o período estipulado está chegando ao fim, ele reúne

alguns integrantes do *Staff* do Comando e do *Staff* Principal para avaliar os resultados obtidos e elaborar um Plano de Ação para mais um período.

Na medida em que a situação crítica vai sendo estabilizada, existe a tendência de que se planeje para períodos cada vez maiores, pois as situações vão ficando menos arriscadas, dinâmicas, complexas e confusas.

Com a evolução das operações, as prioridades também vão se modificando. Como referência, as operações devem seguir uma ordem de prioridades para a articulação de recursos e esforços:

- ▲ preservar vidas;
- ▲ estabilizar o evento;
- ▲ preservar sistemas essenciais e meio ambiente;
- ▲ proteger propriedades.

Embora pareçam óbvias, essas prioridades são um guia útil para a tomada de decisão e o processo de planejamento. Muitas vezes os problemas em uma situação crítica são resolvidos aleatoriamente, dispersando os recursos e os esforços da operação.

Isso não significa que não protegeremos nenhuma propriedade até que todas as vidas estejam preservadas. Todas as prioridades podem ser buscadas simultaneamente, e às vezes, quando alcançamos uma, garantimos outra.

Por exemplo: em um vendaval, quando estabilizamos e reforçamos os telhados atingidos, preservamos a propriedade e a vida dos que habitam naquelas residências. Mas se tivermos de escolher em quais ações concentraremos os nossos recursos e esforços – porque não podemos atender a todas as demandas – a nossa decisão deve privilegiar essa seqüência de prioridades.

Com o comando unificado composto pela COMDEC, pela Polícia e pelo Corpo de Bombeiros, e as informações fluindo para o Posto de Comando, um Plano de Ação foi elaborado para um período de 30 minutos.

A prioridade nesses 30 minutos é preservar vidas, e dois objetivos foram estabelecidos: evitar que mais pessoas entrem na área de risco e prevenir o início de um incêndio. Para atingir esses objetivos, várias atribuições foram distribuídas: a Polícia isola a área e desvia o trânsito de veículos e pedestres, enquanto a Prefeitura altera o sistema de transporte coletivo. O Corpo de Bombeiros fica a postos próximo aos bueiros mais críticos, e a companhia de energia interrompe a passagem de energia elétrica em todas as galerias subterrâneas da área.

Para isso, recursos adicionais foram solicitados e a estrutura do SCO ampliada. Foram designados um Coordenador de Segurança, um Coordenador de Ligações, um Secretário e um Porta-voz, ativando-se completamente o Staff do Comando.

O Comando achou importante designar um Coordenador de Planejamento, que passou a estudar a situação junto com especialistas da Prefeitura, do Corpo de Bombeiros e da distribuidora de combustíveis.

Além disso, o Coordenador de Operações dividiu os recursos sob sua responsabilidade em seções: seção policial, seção de bombeiros, seção de serviços públicos e seção de companhias privadas.

Etapa de desmobilização

Na medida em que os sucessivos Planos de Ação vão estabilizando a situação, atingindo os objetivos propostos de acordo com as prioridades utilizadas em situações críticas, as características de risco, complexidade, dinâmica e confusão diminuem.

As ações vão exigindo cada vez menos articulação até que chega o momento de desmobilizar, ou seja, desativar o SCO.

Isso não significa que a operação simplesmente termina, mas sim que ela pode ser conduzida conforme os procedimentos cotidianos dos órgãos envolvidos, não exigindo mais uma coordenação especial.

A desmobilização deve ser planejada e executada cuidadosamente para evitar a perda de materiais, a sobrecarga em determinados órgãos ou equipes e o desmantelamento descontrolado das operações. Nesse ponto, quando a urgência parece ter desaparecido, as pessoas já estiverem cansadas e os holofotes voltados para outro lado, é normal equipes simplesmente “abandonarem” a operação, principalmente no horário de revezamento, criando transtornos.

O plano de desmobilização deve garantir que todos os recursos operacionais sejam desmobilizados, todos os materiais devolvidos e os relatórios preenchidos. Em situações prolongadas, com episódios marcantes, é interessante oferecer aos profissionais mais impactados algum tipo de orientação sobre os distúrbios do estresse pós-traumático.

Outro aspecto prático aconselhável ao final de situações críticas é a organização de um último contato com a mídia, divulgando um resumo dos fatos e esclarecendo os próximos passos a serem tomados.

Finalizamos a leitura das etapas do SCO. Você conseguiu compreender as características de cada uma dessas três etapas? É capaz de identificar as atividades realizadas em cada uma delas?

COLOCANDO O SCO EM PRÁTICA NAS SITUAÇÕES CRÍTICAS DE GRANDE PORTE

Neste ponto do curso, você deve ter percebido que o SCO também pode ser utilizado em situações críticas de grande porte, tais como as produzidas em desastres naturais. A única diferença é que os procedimentos não serão fisicamente agrupados, dependendo mais dos meios de comunicação como rádio, telefone, fax e Internet.

As principais dúvidas surgem nos primeiros momentos na fase de resposta inicial, que possui algumas peculiaridades, como você vai ver.

Por volta das 17 horas, o coordenador da COMDEC de um município de médio porte é informado de que a repentina tempestade provocou o alagamento de boa parte da cidade, interrompendo o fornecimento de energia elétrica na região central e isolando os bairros da periferia.

Resposta inicial em situações críticas de grande porte

Da mesma forma que você viu anteriormente, em situações como essa apresentada na história, a primeira etapa é desenvolvida com base em procedimentos operacionais padronizados e Planos de Contingência previamente elaborados. Os passos da resposta inicial são os mesmos, afinal é o mesmo sistema, mas alguns detalhes agilizam a resposta.

Instalar o SCO

Considerando o porte inicial da situação, o SCO deve ser instalado por alguém com nível de autoridade compatível, assim que seja notificado e constate a necessidade. Isso não representa um grande problema, porque normalmente as pessoas na organização estão habituadas a notificar seus superiores diante de uma ocorrência grave, sabendo onde localizá-los.

Pode ser o coordenador da COMDEC, o secretário do município ou o próprio prefeito.

Assumir o Comando

O comando deve ser assumido por alguém que realmente possua autoridade compatível com a situação, e que vá participar da coordenação. Raramente esse comando deixará de ser unificado, reunindo representantes de órgãos municipais e estaduais. Eventualmente, podem estar presentes representantes de órgãos federais, organizações privadas e não-governamentais.

Para evitar dúvidas a respeito de quem participa do Comando, o ideal é que um planejamento prévio, testado em treinamentos, relacione essas pessoas, e que um procedimento operacional padronizado desencadeie o acionamento delas assim que o SCO for instalado.

Designar um Posto de Comando

O Posto de Comando, nessas situações, será instalado em uma edificação que disponha de uma boa sala de reuniões, onde serão instaladas facilidades para sua operacionalização: telefones, rádios, fax, computadores com Internet, mapas e salas de apoio. Uma sala ou auditório na prefeitura, uma sala na central de operações da polícia ou dos bombeiros, ou ainda um local da defesa civil, especialmente destinado para isso, são boas opções nessas situações.

A montagem do Posto de Comando será mais rápida se um planejamento prévio já tiver determinado o local, bem como as modificações que serão feitas em caso de acionamento.

Imediatamente o coordenador da COMDEC informa a situação ao prefeito do município, que determina a instalação do SCO. Conforme planejado anteriormente, uma lista de autoridades municipais e estaduais recebe por telefone a informação de que o SCO foi instalado,

tendo em vista a necessidade de coordenar as ações nessa situação crítica. Ainda no mesmo telefonema, tais autoridades são informadas de que o coordenador da COMDEC assumiu o comando até que elas cheguem ao Posto de Comando, no auditório da prefeitura, para transformar o comando único em comando unificado.

Pare um pouco e reflita:
Por que o comando único teve que se transformar em comando unificado?

Designar uma Área de Reunião e um controlador

Devido às suas características, em situações críticas de grande porte podem ser designadas várias Áreas de Reunião:

- ▲ por setor (critério geográfico);
- ▲ por seção (critério de órgão ou atribuição).

O *check in*, nesses casos, será feito por rádio, telefone, fax ou Internet, para o controlador que estará próximo ao Comando.

Nesses casos, o controlador pode montar uma equipe de apoio para manter atualizado o cadastro dos recursos operacionais, bem como encaminhar as solicitações vindas do Coordenador de Operações.

Assim que os telefonemas são iniciados comunicando a instalação do SCO, quem assumiu o comando e o local do Posto de Comando, designa uma funcionária da secretaria de administração como controladora, e solicita que ela cadastre os recursos que já estão atendendo, encaminhando os recursos adicionais para uma das três sedes regionais do município. Nesse meio tempo, já começam os telefonemas dos órgãos envolvidos para informar a sua disponibilidade de recursos operacionais, recebendo as instruções por meio do controlador.

Reunir informações

A Coordenação de Planejamento adquire uma importância destacada em situações críticas de grande porte, principalmente na coleta e análise de informações que possam auxiliar na elaboração do Plano de Ação. Com o apoio de especialistas, o planejamento deve ir além da coleta e sistematização das informações: deve ser capaz de utilizar

previsões meteorológicas, imagens aéreas, cadastros urbanos e outras fontes para indicar a evolução da situação e antecipar problemas.

Elaborar o Plano de Ação

Diante da complexidade da situação, o Plano de Ação inicial deve ser bem articulado para garantir a coordenação de objetivos e recursos. Como a estrutura provavelmente será desdobrada em vários níveis, o Plano de Ação do Comando, nessas situações, terá um caráter mais estratégico, deixando para que o Coordenador de Operações detalhe as atribuições junto com suas seções operacionais.

Com a chegada dos representantes de outros órgãos, uma reunião é iniciada e o comando único é convertido em comando unificado. Enquanto aguardava a chegada de todos, o Comando já havia ativado a Coordenação de Planejamento, que está presente à reunião a fim de colher subsídios e expor sua primeira impressão com base nas informações que já reuniu. A Coordenação de Ligações e o Secretário, que foram ativados pelo Comando, também estão presentes, e o chefe de gabinete da prefeitura é designado porta-voz do SCO.

O comandante dos bombeiros é designado como Coordenador de Operações, e passa a ativar as seções operacionais de acordo com o Plano de Contingência.

Finalmente, após alguns minutos de conversa, um Plano de Ação inicial é elaborado para as próximas três horas, sendo agendada uma nova reunião para acontecer dentro de duas horas e meia no Posto de Comando.

Nas paredes do Posto de Comando, grandes folhas de papel sulfite mostram a evolução da situação: o organograma ativado, os recursos envolvidos e um esquema do Plano de Ação.

A área de saúde, por exemplo, possui uma doutrina sólida para determinar as medidas a serem tomadas nesses casos, assim como as companhias que lidam com o abastecimento de água e energia elétrica.

RECOMENDAÇÕES PARA “BOAS PRÁTICAS”

É preciso dizer que o SCO é baseado em uma ampla fundamentação teórica, aliada à experiência de centenas de eventos em vários países. Mais importante que a sua formalidade é a habilidade para colocar os princípios básicos em prática, monitorando e corrigindo as ações, quando perceber que algum dos problemas que foram estudados começa a dificultar a articulação dos recursos e objetivos de forma integrada.

Essa experiência propiciou a consolidação de alguns conhecimentos, que chamamos de “boas práticas”, e que podem auxiliar no uso do SCO:

- ▲ o pré-planejamento e o treinamento contínuo são fundamentais;
- ▲ quando necessário, deve ser estabelecido com a máxima brevidade;
- ▲ a cooperação e o consenso devem ser a prioridade;
- ▲ a autoridade das agências e órgãos não é **usurpada**;
- ▲ o nível de responsabilidade e os recursos disponibilizados devem servir de critério para a participação no comando unificado;
- ▲ a mudança é uma porta que se abre por dentro. Ela depende, essencialmente, de você.

Usurpar: apossar-se violentamente; adquirir com fraude; exercer indevidamente (Fonte: Aurélio, 1999).

RESUMO

Nesta unidade você viu que:

- ▲ as operações em situações críticas são desenvolvidas em três etapas:
 - resposta inicial;
 - Plano de Ação;
 - desmobilização.

- ▲ as prioridades na coordenação de uma situação crítica são:
 - preservar vidas;
 - estabilizar o evento;
 - preservar sistemas essenciais e meio ambiente;
 - proteger propriedades.

- ▲ a implementação do SCO em situações críticas deve ocorrer na etapa de resposta inicial, com as seguintes ações:
 - instalar o SCO;
 - assumir o Comando;
 - designar um Posto de Comando;
 - designar uma Área de Reunião e um controlador;
 - reunir informações;
 - elaborar o Plano de Ação.

- ▲ em situações críticas de grande porte, a implantação do SCO utiliza os mesmos passos padronizados pelo Sistema, com algumas adaptações para a coordenação à distância.

Atividade de auto-avaliação

Exercício 1

Utilizando os conceitos trabalhados na unidade 5, elabore a história de uma situação crítica envolvendo sua área de afinidade com emergências. Essa história deverá contemplar a etapa de resposta inicial, com todas as providências listadas, e um primeiro Plano de Ação, incluindo a prioridade, os objetivos e os recursos que seriam necessários. Use como base os recursos existentes na sua região.

Ao final, desenhe um organograma (como os que você viu ao longo do livro), descrevendo a estrutura do SCO que você imaginou.

Se gostar de seu trabalho, veja se ele não pode se transformar em uma proposta de planejamento para situações parecidas com aquela que você imaginou.

BIBLIOGRAFIA

- AMERICAM RED CROSS. **Emergency Management Guide for Business & Industry**. Washington D.C., 1999.
- BRASIL. Ministério da Integração Nacional. Secretaria Nacional de Defesa Civil. **Glossário de Defesa Civil: estudos de riscos e medicina de desastres**. 3. ed. Brasília: MI, 2002.
- BRASIL. Ministério da Integração Nacional. Secretaria Nacional de Defesa Civil. **Manual para a Decretação de Estado de Calamidade Pública**. 2. ed. Brasília: MI, 2002, Vol. I.
- BRASIL. Ministério da Integração Nacional. Secretaria Nacional de Defesa Civil. **Manual para a Decretação de Estado de Calamidade Pública**. 2. ed. Brasília: MI, 2002, Vol. II.
- BRASIL. Ministério da Integração Nacional. Secretaria Nacional de Defesa Civil. **Redução das Vulnerabilidades aos Desastres e Acidentes na Infância**. 2. ed. Brasília: MI, 2002.
- BRASIL. Ministério da Integração Nacional. Secretaria Nacional de Defesa Civil. **Avaliação de Danos: perguntas e respostas**. Brasília: MI, 2002.
- BRASIL. Ministério da Integração Nacional. Secretaria Nacional de Defesa Civil. **Conferência Geral sobre Desastres; para prefeitos, dirigentes de instituições públicas e privadas e líderes comunitários**. Brasília: MI, 2002.
- BRASIL. Ministério da Integração Nacional. Secretaria Nacional de Defesa Civil. **Manual de Medicina de Desastres**. Brasília: MI, 2002.
- BRASIL. Ministério da Integração Nacional. Secretaria Nacional de Defesa Civil. **Segurança Global da População**. Brasília: MI, 2000.
- CASTRO, Antônio Luiz Coimbra de. **Manual de Planejamento em Defesa Civil**. Brasília: MI, 1999, Vol. I.
- CASTRO, Antônio Luiz Coimbra de. **Manual de Planejamento em Defesa Civil**. Brasília: MI, 1999, Vol. II.
- CASTRO, Antônio Luiz Coimbra de. **Manual de Planejamento em Defesa Civil**. Brasília: MI, 1999, Vol. III.
- CASTRO, Antônio Luiz Coimbra de. **Manual de Planejamento em Defesa Civil**. Brasília: MI, 1999, Vol. IV.
- CASTRO, Antônio Luiz Coimbra de. **Manual de Desastres: desastres naturais**. Brasília: MI, 1996, Vol. I.
- DAFT, Richard. **Organizações: Teoria e Projetos**. São Paulo: Pioneira Thomsom Learning Ltda, 2002.
- EMERGENCY MANAGEMENT INSTITUTE. **Incident Commando System for Law Enforcement Agency**. Washington, 1999.

- FEDERAL EMERGENCY MANAGEMENT AGENCY. **Emergency Response to Terrorism**. Washington D.C., 1999.
- FEDERAL EMERGENCY MANAGEMENT AGENCY. **Guide to All-Hazardous Emergency Operations Planning**. Washington D.C., 1996.
- GOMES Jr, Carlos Alberto de Araújo. **Administração e Planejamento para Redução de Desastres**. Santa Catarina, 2003. Apostila do Curso de Administração e Planejamento para Redução de Desastres - Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres.
- GOMES Jr, Carlos Alberto de Araújo. **Emergências com Múltiplas Vítimas**. Santa Catarina, 2002. Apostila do Curso de Gerenciamento de Emergências com Múltiplas Vítimas - Corpo de Bombeiros do Estado de Santa Catarina.
- GOMES Jr, Carlos Alberto de Araújo. **Gerenciamento de Crises em Estabelecimentos Prisionais**. Santa Catarina, 2003. Apostila do Curso de Gerenciamento de Crises em Estabelecimentos Prisionais – Escola Penitenciária do Estado do Paraná, ESPEN.
- GOMES Jr, Carlos Alberto de Araújo. **Gerenciamento de Eventos de Alto Risco**. Santa Catarina, 2003. Apostila do Curso de Gerenciamento de Eventos de Alto Risco – Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres.
- MAXIMIANO, Antonio César Amaru. **Teoria Geral da Administração: Da Escola Científica à Competitividade na Economia Globalizada**. São Paulo: Editora Atlas, 2000.
- MITZENBERG, Henry; AHLSTRAND, Bruce; LAMPEL, Joseph. **Safári de Estratégia**. Porto Alegre: Bookman, 2000.
- NATIONAL FIRE ACADEMY. **Incident Command System Self Study Unit**. Washington D.C., 1995.
- OKLAHOMA STATE UNIVERSITY. **Incident Command System**. Oklahoma: Fire Protection Publications, 1983.
- STONER, James A. F.; FREEMAN, R. Edward. **Administração**. Rio de Janeiro: LTC Livros Técnicos e Científicos S.A., 1994.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Capacitação em Defesa Civil: prevenção e redução de desastres. Capacitação à Distância**. Florianópolis, Ensino à Distância / UFSC, 2003.
- U.S. MARINE CORPS. **Command and Control**. Washington D.C.: Department of Navy, 1999.
- U.S. MARINE CORPS. **Marine Corps Planning Process MCWP 5-1**. Washington D.C.: Department of Navy, 1999.
- VIRGÍNIA DEPARTMENT OF HEALTH. **Virginia Mass Casualty Incident Management – Operations Level**. Richmond, 1999.
- VIRGÍNIA OFFICE OF EMERGENCY MEDICAL SERVICES. **Virgínia mass Casualty Incident Response Guide**. Richmond, 1999.

GABARITO DAS ATIVIDADES DE AUTO-AVALIAÇÃO

Unidade 1 – Feedback e Gabarito

Exercício 1

- a. **Sim**, pois envolve a ação coordenada de vários órgãos: polícia ostensiva para isolar a área e controlar o trânsito, polícia judiciária para tomar as medidas legais, socorristas para atender as vítimas, resgatistas para desencarcerar e extrair as vítimas presas nas ferragens, técnicos da companhia de energia elétrica para manusear a rede elétrica e guincho particular para retirada dos veículos.
- b. Sim, pois ele evitaria os problemas comuns em situações críticas: estrutura de coordenação e níveis de autoridade indefinidos; comunicação inadequada com os elementos internos e externos à operação; fluxo de informações inadequado; falta de controle sobre os recursos; utilização inadequada de recursos especializados; dificuldade no estabelecimento de áreas, acessos e corredores; relacionamento precário com a imprensa.
- c. Sim, pois permitiria que você se integrasse imediatamente às operações.

Exercício 2

- a. V b. V c. F d. V e. F f. V

Unidade 2 – Gabarito

Exercício 1

- | | | | | | |
|------|------|------|------|------|------|
| a. V | d. F | g. F | j. V | m. F | p. F |
| b. V | e. V | h. V | k. V | n. V | |
| c. F | f. V | i. F | l. V | o. F | |

Unidade 3

Se tiver dúvida, consulte o SAED.

Unidade 4 – *Feedback*

Exercício 1

1. Escolheu um local seguro, acessível, facilmente identificável e com visão para a situação.
2. A área é segura, acessível, facilmente localizável e facilita o controle dos recursos. Dependendo da estrutura física, pode ter iluminação e acesso a telefone.
3. Não, pois as unidades utilizadas eram locais, cada equipe estará dentro do seu limite de autonomia de tempo e material, e não havia previsão sobre o revezamento de turnos. Na medida em que a manhã se aproximar, e se perceba que a operação será prolongada, uma Base de Apoio pode ser considerada.
4. Área Fria, por ser a mais segura.
5. Você deveria se dirigir para a Área de Reunião, onde seria cadastrado no sistema e receberia informações sobre a situação e orientações a respeito do SCO. Se a sua utilização fosse necessária imediatamente, o controlador lhe repassaria a tarefa, o local e a pessoa de contato. Se não, você ficaria aguardando na Área de Reunião até ser requisitado.

Unidade 5 – *Feedback*

Exercício 1

A história deve descrever o momento em que o SCO é instalado, quem assume o Comando, onde será o Posto de Comando e a Área de Reunião (designando-se um controlador), como serão obtidas informações e qual o primeiro Plano de Ação.

Atividade de Aprendizagem

Atividade de Aprendizagem

Orientações:



A atividade de aprendizagem consiste na análise de uma dada situação, para responder às questões previamente definidas. Procura-se com esta atividade explicitar pontos essenciais do SCO, de modo a facilitar seu entendimento e motivar você a buscar a aplicabilidade dos conteúdos estudados.

A atividade pode ser realizada individualmente ou em grupo de até três participantes.

1. Leia os cinco casos apresentados a seguir.
2. Eleja **apenas um** dos casos para realizar a atividade, priorizando aquele que tem relação com sua profissão.
3. A partir do caso escolhido, responda às dez perguntas que constam no formulário.
4. Encaminhe a atividade para o SAED até o dia 30 de abril de 2004, por correio postal ou eletrônico. No caso da utilização do correio postal, consideraremos a data de postagem que consta no carimbo dos Correios. Isso significa que você terá até o dia 30 de abril para postar sua atividade, caso opte pelo correio postal.
5. Os tutores analisam a atividade e emitem um parecer, com o objetivo de contribuir com sua aprendizagem.

Endereço para correspondência:

Educação à Distância/UFSC
Sistema de Acompanhamento ao
Estudante à Distância – SAED
Caixa Postal 5117
Cep 88040-970
Florianópolis-SC

Não esqueça que você deve escolher apenas um caso para fazer sua atividade. Faça a escolha de acordo com sua experiência profissional ou com o que estiver mais próximo de sua realidade.

CASO 1 – Rebelião em presídio com reféns

No presídio, um grupo de presos da ala de segurança máxima inicia uma rebelião. Agentes prisionais são tomados como reféns e os detentos vêm próximo à grade para negociar trazendo as suas vítimas sob a ameaça de armas brancas. Ao fundo o **alarido** demonstra que a massa carcerária iniciou a destruição das instalações, enquanto rolos de fumaça negra denunciam o início de incêndios.

Quando o alarme soa, uma série de medidas é iniciada por conta do procedimento operacional padrão para esse tipo de situação crítica: os postos são reforçados, os policiais no seu horário de descanso ocupam pontos-chave, agentes prisionais fecham galerias, funcionários civis e visitantes são evacuados, e os gerentes se deslocam para uma sala de onde podem observar o local.

Assim que se constata a existência de uma situação crítica do tipo “crise com reféns”, o SCO é instalado.

O diretor do presídio e o comandante da guarnição policial estabelecem o Comando, anunciando no rádio e comunicando ao escalão superior que um comando unificado estava instalado.

O Posto de Comando é instalado, alterando o *layout* da sala para comportar um mapa do presídio, um **papelógrafo** (*flip chart*) para o histórico, outro para o controle dos recursos e finalmente um para o Plano de Ação. São ligados telefones e rádios, e um “kit de gerenciamento é aberto”.

Começam a ser utilizados coletes de identificação das funções (Comando).

Quando as informações começam a fluir para o Posto de Comando (rádio, relato pessoal face a face, relatórios e plantas do estabelecimento) há uma reunião para dimensionar a cena e sistematizar as informações, formando, assim, um quadro da situação.

Com um quadro consolidado e de consenso do Comando, são identificadas as prioridades e estabelecidos os objetivos.

As tarefas e os recursos são estabelecidos e consolidados em um Plano de Ação inicial.

O Comando reporta a situação ao nível de autoridade superior e solicita recursos adicionais.

Um oficial é designado Coordenador de Operações, recebendo no Posto de Comando o colete de identificação, o rádio e as informações do Plano de Ação, que está em um papelógrafo.

Em seguida o coordenador de operações discute com o Comando se a estrutura do SCO prevista no Plano de Contingência será utilizada na íntegra após as informações serem obtidas.

Alarido:
clamor de vozes, gritaria, algazarra. (Fonte: Aurélio, 1999).

Papelógrafo:
caderno em tamanho grande com pés para apoiá-lo no chão.

Discute também os limites das áreas de trabalho: Quente, Morna e Fria.

Designa uma Área de Reunião e um controlador da Área de Reunião, que veste o colete de identificação, anuncia a função no rádio e passa a fazer o *check in* dos recursos que chegam: grupo tático, negociadores, policiamento ostensivo, bombeiros e socorristas.

Quando sai do Posto de Comando, o coordenador de operações reúne representantes, solicita recursos operacionais na cena e designa um coordenador operacional de polícia, um coordenador operacional de bombeiro e um coordenador operacional de crise.

Enquanto isso, no Posto de Comando, o Comando amplia a estrutura conforme o plano, e registra essa ampliação no organograma da situação que está em um papelógrafo: cria uma Coordenação de Logística e outra de Planejamento, que passam a ocupar uma área do Posto de Comando, já identificadas pelos coletes.

O comando unificado também designa um coordenador de segurança, um porta-voz e um secretário, que recebem seus coletes de identificação e começam a reportar a sua posição na rede de rádio.

Autoridades e especialistas chegam ao Posto de Comando, e ocorre a transferência do Comando para especialistas das polícias, da secretaria e de outros órgãos, por meio de um *briefing*, e o anúncio no rádio, sendo os coletes trocados. Os antigos integrantes do Comando, após fazerem a transferência, assumem funções no Posto de Comando.

Uma série de constatações mostra a situação calma e sob controle: a Área de Reunião organizada, áreas isoladas, a imprensa sendo atendida, uma pessoa checando os equipamentos de proteção individual ao adentrar a Área Quente, negociadores atuando e grupos táticos planejando, treinando e em posição de assalto. No Posto de Comando, as pessoas trabalham de forma ordenada e tranqüila. Agora a resolução da situação crítica depende apenas das questões técnicas, enquanto o SCO fornece a estrutura de gerenciamento.

Briefing:
Conjunto de informações básicas, instruções, diretrizes.
(Fonte: Aurélio, 1999)

CASO 2 – Assalto com cerco

Na central de operações da Polícia Militar o telefonista atende uma ligação anunciando um assalto a banco no centro da cidade. A tela do computador mostra as informações básicas e o despachante começa a operar a rádio comunicação. Imediatamente viaturas são enviadas ao local para iniciar um cerco e abordagem conforme o procedimento operacional padrão para essas situações.

O oficial de serviço, ao chegar ao local, estabelece o Comando, anunciando na rede de comunicação seu nome, sua viatura, seu local e o que visualiza, e

comunica que está assumindo o Comando da operação. Informa a todos que o seu Posto de Comando será na própria viatura, que está estacionada em uma esquina próxima ao banco, indicando também qual a rota segura de aproximação. O Posto de Comando é instalado, com um kit de Posto de Comando em campo, com um mapa da área, um papelógrafo (*flip chart*) para o histórico, outro para o controle dos recursos e finalmente um para o Plano de Ação. São ligados mais rádios, e um **kit de gerenciamento é aberto**.

Começam a ser utilizados coletes de identificação das funções (Comando).

Inicia-se então o dimensionamento da situação, constatando-se que os marginais, fortemente armados, perceberam a movimentação e se evadiram a pé. Segundo informações que chegam ao Posto de Comando, eles ainda estão em um conjunto de três quarteirões com residências, estabelecimentos comerciais e um colégio.

Quando as informações começam a fluir para o Posto de Comando (rádio, relato pessoal face a face, relatórios e plantas do banco), há uma reunião ao redor da viatura para dimensionar a cena e sistematizar as informações, formando, assim, um quadro da situação.

Com um quadro consolidado e de consenso do Comando, são identificadas as prioridades e estabelecidos os objetivos.

As tarefas e os recursos são estabelecidos e consolidados em um Plano de Ação inicial.

O Comando reporta a situação ao nível de autoridade superior e solicita recursos adicionais. Será necessário apoio de diversos órgãos como Polícia Civil (procedimento de polícia judiciária), companhia de água (informações sobre galerias), Bombeiros (socorristas e equipamentos de iluminação), Defesa Civil (evacuação da área), Prefeitura (transportes coletivos e plano de desvio de trânsito) e Polícia Militar (recursos adicionais).

Um oficial é designado coordenador de operações, recebendo no Posto de Comando o colete de identificação, o rádio e as informações do Plano de Ação, que está em um papelógrafo.

Em seguida o coordenador de operações discute com o comando se a estrutura do SCO prevista no Plano de Contingência será utilizada na íntegra após as informações serem obtidas.

Discute também os limites das áreas de trabalho: Quente, Morna e Fria.

Designa uma Área de Reunião e um controlador da Área de Reunião, que veste o colete de identificação, anuncia a função no rádio e passa a fazer o *check in* dos recursos que chegam: grupo tático, negociadores, policiamento ostensivo, bombeiros e socorristas.

Quando sai do Posto de Comando, o coordenador de operações reúne representantes dos recursos operacionais envolvidos, solicita recursos operacionais na

cena e designa um coordenador operacional de polícia, um coordenador operacional de bombeiro e um coordenador operacional de crise.

Enquanto isso, no Posto de Comando, o Comando amplia a estrutura conforme o plano, e registra essa ampliação no organograma da situação: cria uma Coordenação de Logística e outra de Planejamento, que passam a ocupar uma área do posto de comando, já identificados pelos coletes.

Nesse momento chegam especialistas e autoridades no local, e ocorre a transferência do Comando para especialistas das polícias, da prefeitura e da defesa civil, por meio de um *briefing*, e o anúncio no rádio, sendo os coletes trocados. Ocorre a transição de comando único para comando unificado. Os antigos integrantes do Comando, após fazerem a transferência, assumem funções no Posto de Comando.

O comando unificado também designa um coordenador de segurança, um porta-voz e um secretário, que recebem seus coletes e começam a reportar a sua posição na rede de rádio.

Uma série de constatações mostra a situação calma e sob controle: a Área de Reunião organizada, áreas isoladas, a imprensa sendo atendida, uma pessoa checando os equipamentos de proteção individual ao adentrar a Área Quente, policiais fazendo a vistoria de edificações de acordo com um plano em um mapa, crianças sendo evacuadas do colégio, um helicóptero informando as movimentações e barreiras revistando pessoas e veículos. No Posto de Comando, as pessoas trabalham de forma ordenada e tranqüila, civis e militares juntos. Agora a resolução da situação crítica depende apenas das questões técnicas, enquanto o SCO fornece a estrutura de gerenciamento.

CASO 3 – Deslizamento

Durante uma noite chuvosa, a comunidade desperta com um estrondo seguido de gritos. Acontecera o que muitos temiam: uma grande massa de terra deslizara morro abaixo arrastando em seu caminho algumas das precárias moradias que caracterizavam aquele agrupamento de pouco mais de 50 famílias conhecido como Morro da Paz. A primeira unidade de emergência a chegar ao local, uma viatura policial, pôde visualizar um quadro assustador. Um cem pessoas no sopé do morro, na maioria crianças, idosos e algumas mulheres, molhadas e assustadas, forneciam informações desencontradas. À distância, podia-se divisar na escuridão vultos perambulando sobre toneladas de terra que formavam um monte bem no meio da comunidade. Ainda eram visíveis, aflorando da massa úmida, barrenta e instável, restos de madeira, móveis e esquadrias, revelando o caminho de destruição morro abaixo. Percebendo a gravidade da situação, o policial se

reúne com o bombeiro mais graduado da guarnição de resgate que acabara de chegar e tomam algumas decisões: um SCO deveria ser instalado.

O policial e o bombeiro, então, estabelecem o comando unificado, anunciando na rede de comunicação seus nomes, viatura, local e o que visualizam e anunciam que estão assumindo o Comando da operação. Informam a todos que o Posto de Comando será na própria viatura, que está estacionada em uma esquina próxima ao morro, de onde se possui boa visão com o auxílio dos dispositivos de iluminação. Eles informam também qual a rota segura de aproximação. O Posto de Comando é instalado, com um kit de Posto de Comando em campo, com um mapa da área, um papelógrafo (*flip chart*) para o histórico, outro para o controle dos recursos e finalmente um para o Plano de Ação. São ligados mais rádios, e um **kit de gerenciamento é aberto**.

Começam a ser utilizados coletes de identificação das funções (Comando).

O presidente da COMDEC chega ao local e se integra ao comando unificado, recebendo o *briefing* e um colete.

Inicia-se então o dimensionamento da situação, entrevistando-se vítimas e testemunhas e enviando-se bombeiros à área mais crítica: a Área Quente. Segundo avaliações preliminares, há muitos feridos, desaparecidos e desabrigados, além de pontos perigosos.

Quando as informações começam a fluir para o Posto de Comando (rádio, relato pessoal face a face, relatórios e plantas do local) há uma reunião ao redor da viatura para dimensionar a cena e sistematizar as informações, formando-se assim um quadro da situação. No grupo em semicírculo, identificam-se policiais, bombeiros, socorristas e defesa civil.

Com um quadro consolidado e de consenso do comando, são identificadas as prioridades e estabelecidos os objetivos.

As tarefas e os recursos são estabelecidos e consolidados em um Plano de Ação inicial.

O Comando reporta a situação ao nível de autoridade superior e solicita recursos adicionais. Será necessário apoio de diversos órgãos como Polícia Civil (procedimento de polícia judiciária), companhia de água (informações sobre galerias), Bombeiros (socorristas e equipamentos de iluminação), Defesa Civil (evacuação da área), Prefeitura (transportes coletivos e plano de desvio de trânsito) e Polícia Militar (recursos adicionais).

Um bombeiro é designado coordenador de operações, recebendo no Posto de Comando o colete de identificação, o rádio e as informações do Plano de Ação, que está em um papelógrafo.

Em seguida o Coordenador de Operações discute com o Comando se a estrutura do SCO prevista no Plano de Contingência será utilizada na íntegra após as informações serem obtidas.

Discute também os limites das áreas de trabalho: Quente, Morna e Fria.

Designa uma Área de Reunião e um controlador da Área de Reunião, que veste o colete de identificação, anuncia a função no rádio e passa a fazer o *check in* dos recursos que chegam: máquinas, caminhões, médicos, enfermeiros e voluntários.

Quando sai do Posto de Comando o coordenador de operações reúne representantes dos recursos operacionais envolvidos, solicita recursos operacionais na cena e designa um coordenador operacional de polícia, um coordenador operacional de bombeiro e um coordenador operacional de auxílio à população.

Enquanto isso, no Posto de Comando o comando amplia a estrutura conforme o plano, registrando-a no organograma da situação: cria uma Coordenação de Logística e outra de Planejamento, que passam a ocupar uma área do Posto de Comando, já identificadas pelos coletes.

Nesse momento chegam especialistas e autoridades ao local. Ocorre, então, a transferência do Comando para representantes das polícias, dos bombeiros, e do município, e permanece o coordenador da COMDEC, sendo os coletes trocados. Os antigos integrantes do Comando, após fazerem a transferência, assumem funções no Posto de Comando.

Chega um especialista nessa modalidade de resgate, que substitui também o coordenador de operações. A transição é ordenada, e o antigo coordenador de operações permanece como auxiliar do novo, pois suas informações serão úteis.

O comando unificado também designa um coordenador de segurança, um porta-voz e um secretário, que recebem seus coletes e começam a reportar a sua posição na rede de rádio.

A situação está calma e sob controle: a Área de Reunião organizada, áreas isoladas, a imprensa sendo atendida, uma pessoa checando os equipamentos de proteção individual ao adentrar a Área Quente. No Posto de Comando, as pessoas trabalham de forma ordenada e tranqüila. Agora a resolução da situação crítica depende apenas das questões técnicas, enquanto o SCO fornece a estrutura de gerenciamento.

CASO 4 – Produtos perigosos

Em um posto de gasolina está estacionado um veículo do tipo caminhão tanque, que transporta um produto líquido extremamente perigoso (tóxico ou explosivo). No momento de manobrar, uma das válvulas se rompe e o líquido começa a vazar em grande quantidade, espalhando-se pela área e indo para galerias pluviais, infiltrando-se no solo e emanando vapores perigosos. O motorista sai do caminhão correndo e tenta verificar o que ocorreu, mas fica desacordado. Pessoas que estavam próximas fogem e uma delas aciona o sistema de emergência.

Na seqüência pode-se observar a chegada de diversos recursos operacionais: chegam uma viatura policial, uma viatura de bombeiro e uma viatura de defesa civil. As viaturas param a uma distância segura e seus ocupantes se reúnem, tomando a decisão de iniciar o SCO e estabelecer o comando unificado composto pelos três: policial mais graduado no local, bombeiro mais graduado no local e representante da defesa civil.

O Posto de Comando é montado no capô do veículo de defesa civil, o Comando anuncia na rede de comunicação seu nome, viatura, local e o que visualiza, comunicando que o comando unificado está assumindo o comando da operação. Informa a todos que o Posto de Comando será na viatura da defesa civil, que está estacionada a uma distância segura, de onde se possui boa visão com o uso de binóculos. Informa também qual a rota segura de aproximação. O Posto de Comando é instalado, com um kit de Posto de Comando em campo, com um mapa da área, um papelógrafo (*flip chart*) para o histórico, outro para o controle dos recursos e finalmente um para o Plano de Ação. São ligados mais rádios, e um **kit de gerenciamento é aberto**.

Começam a ser utilizados coletes de identificação das funções (Comando).

Inicia-se então o dimensionamento da situação, entrevistando-se vítimas e testemunhas e observando-se a Área Quente com o auxílio de binóculos. Com base na placa e no rótulo é identificado o produto perigoso e feita a consulta ao *Manual da ABIQUIN*, identificando-se as características básicas do produto e as recomendações específicas.

Quando as informações começam a fluir para o Posto de Comando (rádio, relato pessoal face a face, relatórios e informações sobre o caminhão), há uma reunião ao redor da viatura para dimensionar a cena e sistematizar as informações, formando-se assim um quadro da situação. No grupo em semicírculo, identificam-se policiais, bombeiros, equipe de produtos perigosos, socorristas e defesa civil.

Manual elaborado pela Associação Brasileira de Indústria Química, que descreve e recomenda procedimentos sobre produtos perigosos (<http://www.abiquim.org.br>).

Com um quadro consolidado e de consenso do Comando, são identificadas as prioridades e estabelecidos os objetivos.

As tarefas e os recursos são estabelecidos e consolidados em um Plano de Ação inicial.

O Comando reporta a situação ao nível de autoridade superior e solicita recursos adicionais. Será necessário apoio de diversos órgãos como Polícia Civil (procedimento de polícia judiciária), companhia de água (informações sobre galerias), Bombeiros (socorristas e equipe de produtos perigosos), Defesa Civil (evacuação da área), Prefeitura (transportes coletivos e plano de desvio de trânsito) e Polícia Militar (isolamento).

Um bombeiro é designado Coordenador de Operações, recebendo no Posto de Comando o colete de identificação, o rádio e as informações do Plano de Ação, que está em um papelógrafo.

Em seguida o Coordenador de Operações discute com o Comando se a estrutura do SCO prevista no Plano de Contingência será utilizada na íntegra após as informações serem obtidas.

Discute também os limites das áreas de trabalho: Quente, Morna e Fria.

Designa uma Área de Reunião e um controlador da Área de Reunião, que veste o colete de identificação, anuncia a função no rádio e passa a fazer o *check in* dos recursos que chegam: intervenção, descontaminação, socorristas e policiamento.

Quando sai do Posto de Comando, o coordenador de operações reúne representantes dos recursos operacionais envolvidos, solicita recursos operacionais na cena e designa um coordenador operacional de polícia, um coordenador operacional de bombeiro e um coordenador operacional de auxílio à população.

Enquanto isso, no Posto de Comando o Comando amplia a estrutura conforme o plano, registrando-a no organograma da situação: cria uma Coordenação de Logística e outra de Planejamento, que passam a ocupar uma área do Posto de Comando, já identificadas pelos coletes.

Nesse momento chegam especialistas e autoridades ao local. Ocorre, então, a transferência do Comando para especialistas da polícia, dos bombeiros, e do município, e permanece o coordenador da COMDEC, sendo os coletes trocados. Os antigos integrantes do Comando, após fazerem a transferência, assumem funções no Posto de Comando.

O comando unificado também designa um coordenador de segurança, um porta-voz e um secretário, que recebem seus coletes e reportam a sua posição na rede de rádio.

A situação está calma e sob controle: a Área de Reunião organizada, áreas isoladas, a imprensa sendo atendida, a estrutura de resgate em produtos perigosos. No Posto de Comando, as pessoas trabalham de forma ordenada e tranqüila. Agora a resolução da situação crítica depende apenas das questões técnicas, enquanto o SCO fornece a estrutura de gerenciamento.

CASO 5 – Tempestade

No final da tarde o trabalho normal do prefeito é interrompido pelo coordenador da COMDEC, que informa o resultado que passa se desenhar a partir das chuvas que começaram algumas horas antes e se intensificaram em uma violenta

tempestade na última hora: o nível das águas do rio que atravessa a cidade subiu de forma rápida e provocou uma enchente que transformou a cidade em um caos. Bairros ameaçados, ruas começando a encher e ruas intransitáveis são as primeiras informações recebidas pela COMDEC a partir da central de operações da Polícia Militar e dos Bombeiros.

Com base nas primeiras informações e no Plano de Contingência para a cidade, o prefeito decide instalar o SCO, determinando ao coordenador da COMDEC que estabeleça o Comando tendo a sala de reuniões da prefeitura como Posto de Comando.

Imediatamente, o coordenador da COMDEC informa o fato ao seu auxiliar, designando-o como coordenador de ligações e solicitando que localize e acione os membros do grupo de ações coordenadas do município para que se dirijam ao Posto de Comando para coordenar a situação crítica que está se instalando.

Em seguida, solicita ao auxiliar administrativo da sede da prefeitura que prepare a sala de reuniões da prefeitura para a instalação do Posto de Comando, designando-o secretário do comando da operação. Para isso o secretário recebe um colete de identificação e uma lista das providências necessárias: instalar telefones, pendurar mapas e organogramas, posicionar papelógrafos, espalhar na mesa de reunião papel e caneta, instalar rádios comunicadores e televisões.

Com a chegada de todos à sala do Posto de Comando, é feita uma reunião e estabelecido o comando unificado composto pelo representante de cada órgão que será envolvido na operação conforme o Plano de Contingência, que cada um traz em uma pasta identificada e que é lido por todos.

São designados integrantes dos órgãos para ativarem as funções de portavoz e coordenador de planejamento. Nenhum coordenador de operações é designado por enquanto, e os órgãos já iniciaram medidas preliminares de acordo com seus procedimentos operacionais padronizados.

Uma reunião é marcada para acontecer em 15 minutos, após cada um dos representantes presentes obter informações de seus órgãos.

Inicia-se então o dimensionamento da situação, com cada um fazendo telefonemas, estabelecendo contatos por rádio ou consultando a Internet.

Na reunião as informações começam a fluir para o Posto de Comando, e o coordenador de planejamento, com um auxiliar que tudo anota, já devidamente identificado, organiza as informações que são repassadas pelos diversos órgãos de forma verbal e escrita. No grupo ao redor da mesa, identificam-se defesa civil, policiais, bombeiros, engenheiros, médicos, integrantes das Forças Armadas e representantes da Cruz Vermelha.

Com um quadro consolidado e de consenso do Comando, são identificadas as prioridades e estabelecidos os objetivos.

As tarefas e os recursos são estabelecidos e consolidados em um Plano de Ação inicial, priorizando a preservação de vidas, estabilização do evento e preservação de sistemas essenciais.

O comando reporta a situação ao nível de autoridade superior, e cada órgão solicita recursos adicionais conforme o Plano de Ação. Será necessário apoio de diversos órgãos como Polícia Civil, Polícia Rodoviária Federal, companhia de água, companhia de luz, Bombeiros, Defesa Civil, Prefeitura, Polícia Militar, Secretaria de Obras, Secretaria Social e Secretaria de Saúde.

Fica decidido que o responsável pela central de emergência da polícia militar e bombeiros será o coordenador de operações.

Em seguida o Comando determina que a estrutura do SCO dividirá a cidade em três setores operacionais: norte, leste e rodovia.

O Comando discute também os limites das áreas de trabalho – Quente, Morna e Fria – decidindo desviar o trânsito e enviar comunicados pela rádio como forma de restringir o acesso às áreas mais atingidas em cada setor.

Designa uma Área de Reunião em cada setor e um controlador da Área de Reunião para cada setor, que veste o colete de identificação, anuncia a função no rádio e passa a fazer por rádio o *check in* dos recursos que já estão em operação, bem como dos recursos que chegam para aguardar designação.

Quando sai do Posto de Comando, cada coordenador de setor operacional se reúne com representantes dos recursos operacionais envolvidos e designa um coordenador operacional de polícia, um coordenador operacional de bombeiro e um coordenador operacional de auxílio à população.

Enquanto isso, no Posto de Comando o Comando amplia a estrutura conforme o plano, registrando-a no organograma da situação: cria uma Coordenação de Logística, já identificada pelos coletes, que passa a ocupar uma área do Posto de Comando.

A situação está calma e sob controle: as Áreas de Reunião organizadas, áreas isoladas, a imprensa sendo atendida, a estrutura de auxílio à população funcionando com evacuação de pessoas e bens, montagem de abrigos e distribuição de alimentos nos abrigos. No Posto de Comando, as pessoas trabalham de forma ordenada e tranqüila. Agora a resolução da situação crítica depende apenas das questões técnicas, enquanto o SCO fornece a estrutura de gerenciamento.

Formulário para preenchimento da Atividade de Aprendizagem

Atividade de Aprendizagem

A – Identificação dos cursistas

Para cada atividade é permitida a participação de até três cursistas.

1) Nome: _____

Cidade: _____ Estado: _____

Correio Eletrônico: _____

2) Nome: _____

Cidade: _____ Estado: _____

Correio Eletrônico: _____

3) Nome: _____

Cidade: _____ Estado: _____

Correio Eletrônico: _____

B – Indique o caso escolhido (apenas um)

- () Caso 1: Rebelião em presídio com reféns
- () Caso 2: Assalto com cerco
- () Caso 3: Deslizamento
- () Caso 4: Produtos perigosos
- () Caso 5: Tempestade

C – Perguntas

1) A situação apresentada é uma situação crítica? Qual característica descrita justifica a sua resposta?

4) Após a instalação do SCO, o Comando foi assumido imediatamente. Você acha que essa atitude foi correta? Quais as vantagens de que alguém assumia o Comando imediatamente?

5) O uso do Posto de Comando nessa situação ajuda no gerenciamento das operações? Quais as vantagens obtidas com o seu uso e as dificuldades para que ele funcione?

6) No caso que está sendo analisado, você ativaria alguma função do *Staff* do Comando que não foi ativada pelo Comando?

7) No caso que está sendo analisado, você ativaria alguma função do *Staff* Principal que não foi ativada pelo Comando?

8) Desenhe o organograma da estrutura do SCO como ela está descrita até o final da narração do caso. Assinale onde você acha que estaria trabalhando se estivesse nessa operação. (Utilize o quadro abaixo para facilitar a montagem do organograma.)

A large grid of dotted lines, intended for drawing an organizational chart. The grid consists of 20 columns and 20 rows of small dots, forming a square area for the student to use.

D – Pensando na sua realidade

1) Com base no caso que você estudou, imagine que uma situação semelhante possa vir a acontecer na sua região. As ações e equipes envolvidas poderiam não ser as mesmas daquelas que citamos. Por isso, elabore uma relação de orientações para as equipes que forem atender essa situação, caso ela ocorra na sua região.

- a. Quais órgãos (e as respectivas equipes) que devem se deslocar para esse tipo de situação?

- b. O Comando será único ou unificado?

- c. Quem deve participar do Comando?

- d. Onde será localizado o Posto de Comando (veículo, edificação ou no terreno)?

- e. Que materiais são necessários para instalar o Posto de Comando?

- f. Quem deverá ficar responsável pela Área de Reunião?

- g. Quem deverá ser o coordenador de operações?

Questionário de Avaliação do Curso

Avaliação do Curso

Orientações

Responda ao questionário abaixo com os comentários que julgar pertinentes. Sua contribuição será valiosa para a melhoria permanente dos cursos na modalidade de educação à distância gerenciados pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Após o preenchimento, envie o questionário para:

Educação à Distância/UFSC

Sistema de Acompanhamento ao Estudante à Distância – SAED

Caixa Postal 5117

CEP 88040-970

Florianópolis – SC

Se preferir, você pode preencher o questionário disponibilizado no site do Curso em <http://www.ead.ufsc.br/sco>.

As questões são apresentadas mediante uma escala de classificação, com os seguintes valores:

O (Ótimo)	B (Bom)	R (Regular)	NU (Não Utilizei)
------------------	----------------	--------------------	--------------------------

AVALIAÇÃO DO CURSO

Parte I – Recursos Didáticos

Livro	O	B	R	NU
Conteúdos abordados				
Linguagem				
Diagramação (fonte, imagens, cores, etc.)				
Contribuição para a aprendizagem				
Informações disponibilizadas				
Utilidade das informações apresentadas para a elaboração da atividade de aprendizagem				

Teleconferência 1	O	B	R	NU
Contribuição para a aprendizagem				
Conferencistas				
Divulgação				
Tempo de duração				
Horário				
Linguagem				
Temas abordados				
Atendimento durante a teleconferência				
Respostas às questões				

Teleconferência 2	O	B	R	NU
Contribuição para a aprendizagem				
Conferencistas				
Divulgação				
Tempo de duração				
Horário				
Linguagem				
Temas abordados				
Atendimento durante a teleconferência				
Respostas às questões				

Videoaula	O	B	R	NU
Contribuição para a aprendizagem				
Duração				
Linguagem				
Qualidade das imagens				

Site	O	B	R	NU
Utilidade para a realização do Curso				
Informações disponíveis				
Estrutura e forma de apresentação				
Acesso à teleconferência				
Conteúdo da ferramenta “dúvidas freqüentes”				
Divulgação da relação de cursistas				

Parte II – Sistema de Acompanhamento ao Estudante à Distância – SAED

Atendimento	O	B	R	NU
Linguagem utilizada				
Tempo de espera para atendimento				
Tempo de espera para recebimento de resposta				
Grau de satisfação com as respostas obtidas				
Educação dos tutores e/ou monitores				
Disponibilidade dos tutores e/ou monitores para esclarecer suas dúvidas				
Freqüência dos contatos do tutor				
Orientações para a atividade de aprendizagem				

Chat (bate-papo virtual)	O	B	R	NU
Contribuição para a aprendizagem	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Temas abordados	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Duração	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Horários	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Fórum de Discussão	O	B	R	NU
Contribuição para a aprendizagem	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Temas abordados	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Atividade de Aprendizagem	O	B	R	NU
Contribuição para a aprendizagem	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Contribuição para sua atuação prática	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Formulário para elaboração da atividade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Orientações para elaboração da atividade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Kit Didático	Sim	Em parte	Não
Chegou em tempo hábil para a realização do Curso?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O material chegou em boas condições de uso?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Você gostou da forma de apresentação do material?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Parte III – Avaliação Geral do Curso

Avaliação Geral do Curso	Sim	Em parte	Não
O acompanhamento realizado pelos tutores atendeu às suas expectativas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O Curso atendeu às suas expectativas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Você se sentiu motivado a participar das atividades do Curso?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

